Só quero

FARINHA **NESTLÉ**

BANCO DE ANGOLA

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

EMISSOR DA COLÓNIA DE ANGOLA

CÓDIGOS:
PETERSON'S (2.ª ED.)
GUEDES
A. B. C. (5.TH EDITION)

SEDE EM LISBOA
RUA DA PRATA, 10 A 22

END. TELEGRÁFICO:
ALDARO
DEPENDENCIAS:
FILIAL EM LUANDA

AGÊNCIAS: Benguela, Boma (Congo Belga), Cabinda, Leopoldville (Congo Belga), Lobito, Malange, Mossâmedes, Nova Lisboa, Novo Redondo, Sá da Bandeira, Santo António do Zaire, Vila Luso, Vila Silva Pôrto.

SOCIEDADE CHÁ ORIENTAL

LISBOA

CHÁ CELESTE

CHÁ DE DELICIOSO PALADAR

PLANTAÇÕES E FÁBRICA NO PLANALTO DE MILANGE PROVÍNCIA DE MOÇAMBIQUE

UM LIVRO BEM APRESENTADO
JORNAL DE GRANDE TIRAGEM
A REVISTA QUE SE VENDA

SÓ SE CONSEGUE
EMPREGANDO O PAPEL DA

COMPANHIA
DO PAPEL DO PRADO

INDÚSTRIA NACIONAL

OS MELHORES FABRICOS
OS MELHORES PREÇOS

COMPANHIA DO
PAPEL DO PRADO

RUA DOS FANQUEIROS, 278 / 2.º
LISBOA

This book is donated by

Companhia Colonial de Navegação

SERVIÇO DE CARGA E PASSAGEIROS

Carreira rápida da Costa Oriental

Saídas de Lisboa no 2.º sábado de cada mês pelas 12 horas, com escala por: Funchal, S. Tomé, Sazaire, Loanda, Porto Amboim, Lobito, Mossamedes, Lourenço Marques, Beira e Moçambique, e para os demais portos da Costa Ocidental e Oriental, sujeito a baldeação em Loanda ou Lourenço Marques.

Carreira rápida da Costa Ocidental

Saídas de Lisboa no 3.º sábado de cada mês, pelas 14 horas, com escala por: S. Vicente, Praia, Príncipe, S. Tomé, Ambriz, Loanda, Porto Amboim, Novo Redondo, Lobito e Benguela, e demais portos da Costa Ocidental, sujeito a baldeação em Loanda.

Carreira da Guiné

Saídas de Lisboa de 40 em 40 dias, pelas 12 horas, com escala por:
Funchal, S. Vicente, Praia, Dakar e Bolama

Carreira do norte da Europa. Serviço de carga

Saídas mensais entre 25 a 28 com os vapores MALANGE e LOBITO
Com escala por: Leixões, Hamburgo, Rotterdam, e Anvers

LISBOA / RUA INSTITUTO VIRGÍLIO MACHADO, 14 / TELEF. 20052
PORTO / RUA INFANTE D. HENRIQUE, 9 / TELEF. 2342

Colégio Parisiense

R. MARTENS FERRÃO, 9
RUA DE S. SEBASTIÃO
DA PEDREIRA, 16
LISBOA

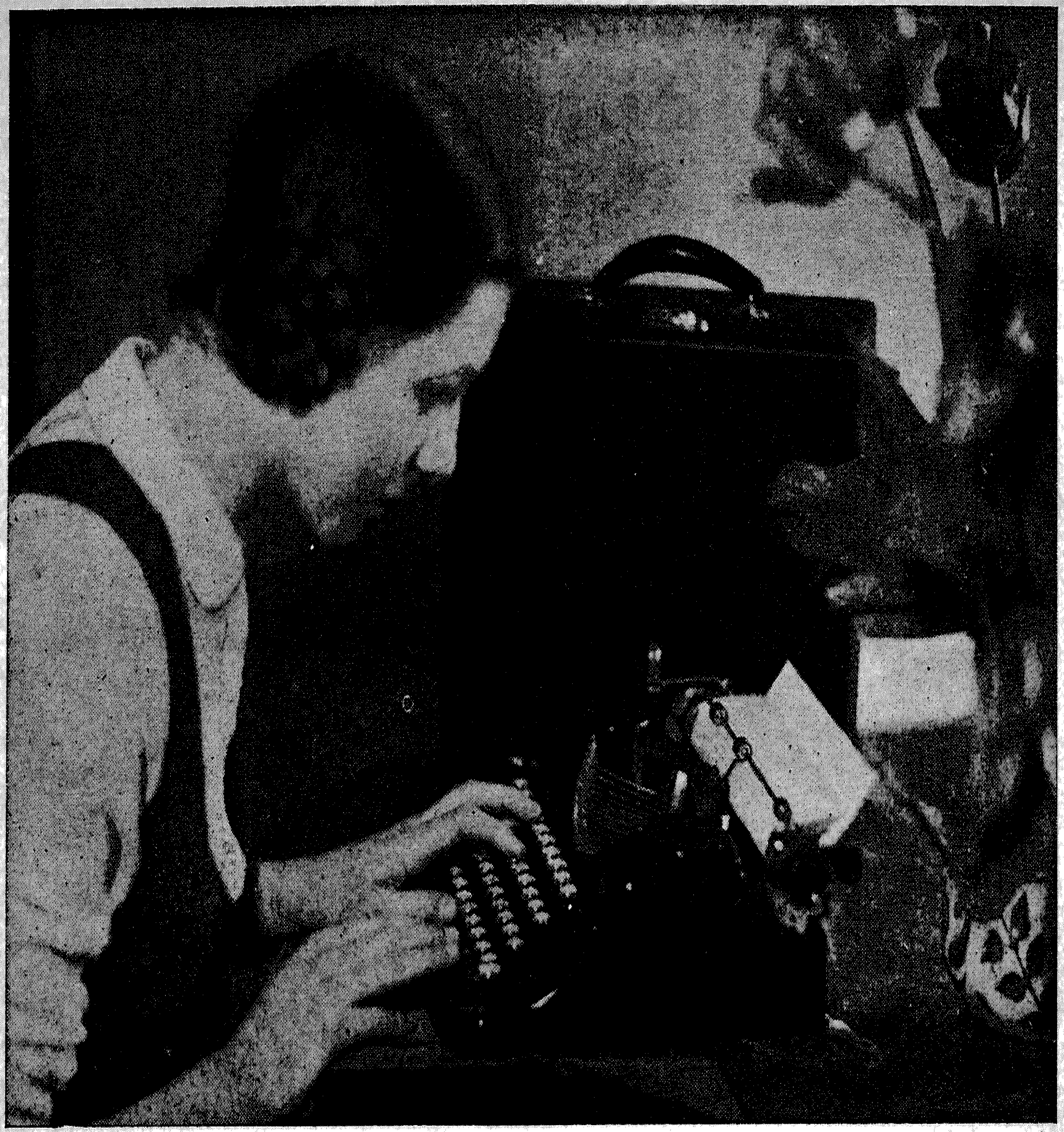
PARA EDUCAÇÃO DE MENINAS

Recebem-se alunas internas, semi-internas e externas para instrução primária / curso completo dos Liceus / curso do magistério primário / cursos do conservatório — **lavores / aulas de corte / bordados à máquina flores / desenho / pintura / arte aplicada / gimnástica e dança**

◆

CAPELA PARA CULTO RELIGIOSO ÀS EDUCANDAS, CUJAS FAMÍLIAS O DESEJEM

TELEFONE NORTE
2 4 3 2



As cartas particulares escritas à máquina são consideradas de bom tom, tornando-as de fácil leitura

A MÁQUINA DE ESCREVER QUE ACBARÁ POR COMPRAR É A

UNDERWOOD

AGENTES

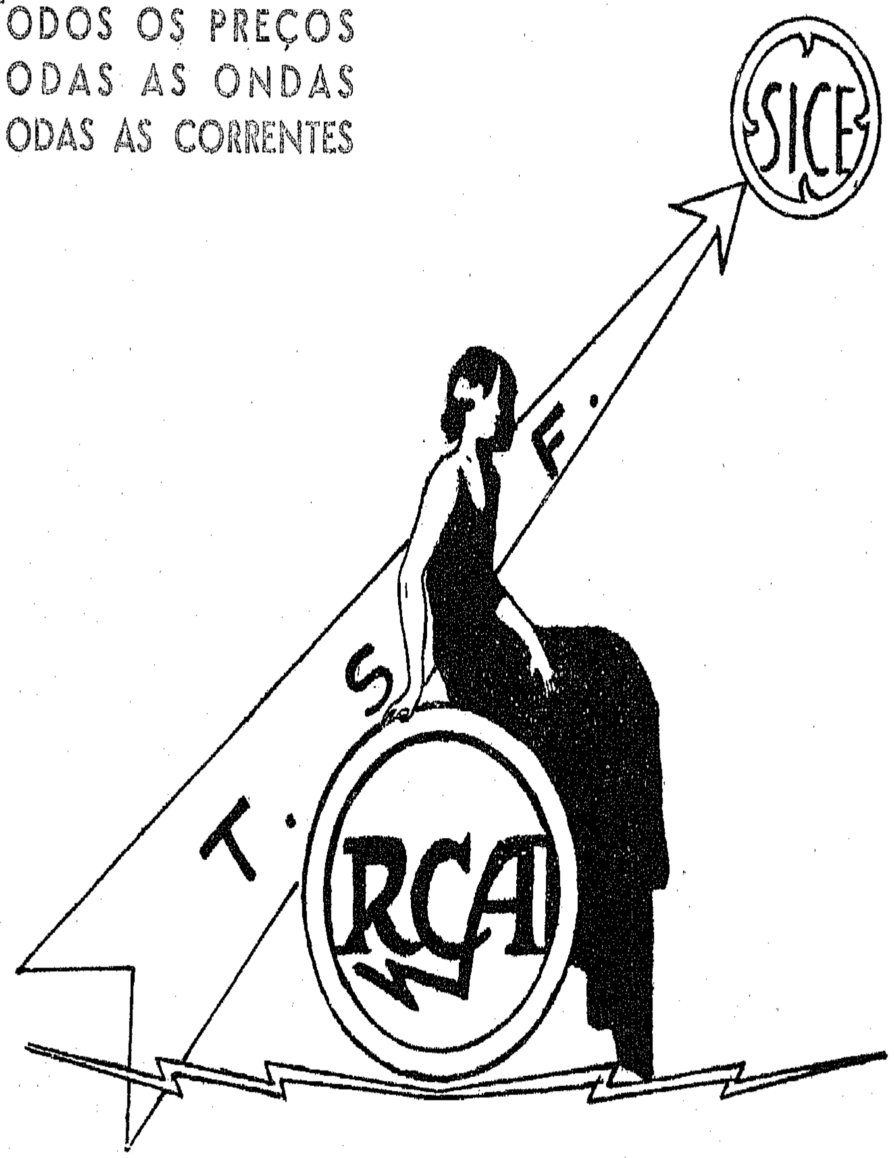
EM LISBOA
DUNKEL & ANTUNES, LDA.
RUA AUGUSTA, 56
TELEFONE 24251

NO PORTO
CARLOS DUNKEL
RUA DO BOMJARDIM, 81
TELEFONE 1013

APARELHOS
DE TELEFONIA

PARA

TODOS OS PREÇOS
TODAS AS ONDAS
TODAS AS CORRENTES

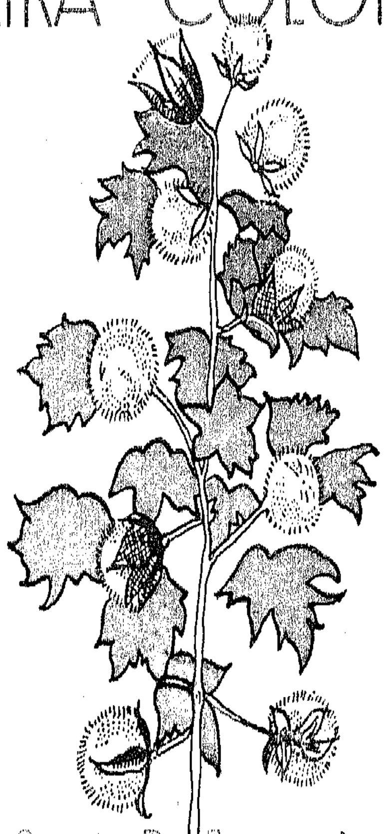


SOCIEDADE IBÉRICA DE CONSTRUÇÕES ELECTRICAS, LDA.

//

PRAÇA LUIZ DE CAMÕES, 36, 2.º - LISBOA

ALGODOEIRA COLONIAL, LDA.



FÁBRICA DA AREOZA
FÁBRICA DO BOMFIM
FÁBRICA DE ERMEZINDE
FÁBRICA DA S.ª DA HORA
FÁBRICA PORTUENSE
FÁBRICA DE FRANCOS
FÁBRICA DE S. ROQUE
FÁBRICA ALIANÇA, LDA.

TECIDOS DE ALGODÃO

LISBOA	LUANDA	BENGUELA	NOVA LISBOA
Rua do Alecrim, 7	Caixa Postal, 15	Caixa Postal, 95	Caixa Postal, 99

TELEGRAMAS: ALGODOEIRA

Perutz

Películas, chapas e bobines para a Leica e Contax. Emulsões rápidas, pancromáticas e ortocromáticas. Sem grão e sem filtro. Leica, Contax e todos os acessórios. Trabalhos de amadores. Remetem-se catálogos.

ROIZ, LDA.
82, R. NOVA DO ALMADA, 84
TELEFONE 2 4670 - LISBOA

RAUL SAMPAIO EFFRENT COSTA

DESPACHANTE OFICIAL DE

Navios Nacionais, Estrangeiros e Mercadorias

ESCRITÓRIO
RUA DOS BACALHOEIROS, 12
LISBOA / TELEFONE 20132

CAMINHO DE FERRO

Ligações da Katanga com a Europa. A mais curta estrada para a África Central

Distância via Lobito comparada com via Beira: Distância a favor da via Lobito: 578 milhas por terra e 2.955 por mar. Total 3.553 milhas.

Distância via Lobito comparada com via Cape Town: Distância a favor da via Lobito: 1.269 milhas por terra e 1.450 por mar. Total 2.719 milhas.

SÉDE EM LISBOA: LARGO DO QUINTELA, 3

DE BENGUELA / LOBITO

PAPEIS

E CARTÕES

DE TODAS AS QUALIDADES

PARA IMPRESSÃO
DE LIVROS, REVISTAS E JORNAIS
PARA EMBALAGEM
SIMPLES E DE FANTASIA
PARA CARTONAGENS
DAS MAIS MODESTAS ÀS MAIS ARTÍSTICAS

SOCIEDADE COMERCIAL
MATTOS TAVARES,
LIMITADA

RUA DOS SAPATEIROS, 39, 2.º // LISBOA
TELEFONE 25701

CARLOS CUDELL GOETZ

INSTRUMENTOS DE PRECISÃO

TELEGRAMAS CARDELETZ

TELEFONE 23831

EM LISBOA:
PRAÇA DA ALEGRIA, 65

PREFERIR

OS PRODUTOS DA

FAVORITA

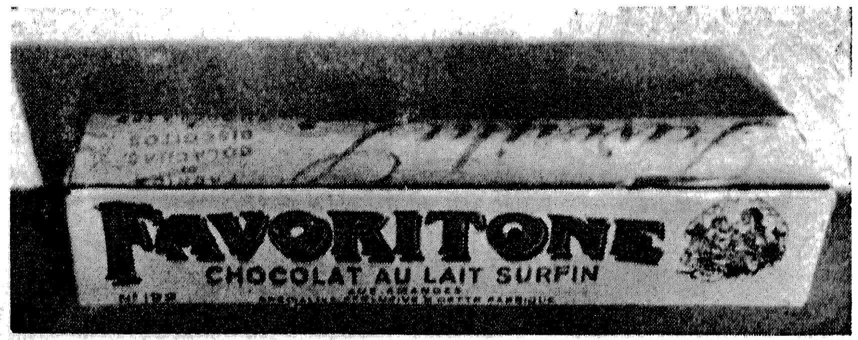
É COMPRAR UM PRODUTO PURO!

FAVORITA

A MAIOR
E MAIS BEM
MONTADA
FÁBRICA DE:

BOLACHAS / BISCOITOS / CHOCOLATES / BOMBONS
CACAU / DROPS / CARAMELOS / REBUÇADOS

FA
VO
RI
TA,



UM NOME QUE NÃO DEVE ESQUECER

REVISTA DE CULTURA E PROPAGANDA
ARTE E LITERATURA COLONIAIS

O MUNDO PORTUGUÊS

DIRECTOR: AUGUSTO CUNHA

EDIÇÃO DA AGÊNCIA GERAL DAS COLÓNIAS E DO SECRETARIADO DA PROPAGANDA NACIONAL

SUMÁRIO

Os Cruzeiros de Férias às Colónias — **Augusto Cunha**
Bases duma nova mentalidade imperial — **João Ameal**
Poemas Coloniais — **Alberto Osório de Castro**
Do Portugalório ao Império — **Augusto da Costa**
A cidade de Lourenço Marques há 50 anos — **Duarte Veiga**
A mística duma conversão — **Carlos Parreira**
Antes da chegada dos ferozes colonizadores — **F. Alves de Azevedo**
Solor — **Alberto Faria de Morais**
O culto de Agni em Gôa — **Germano Correia**
Visão da Índia — **Jaime do Inso**

Núm. 9 e 10 — Setembro e Outubro de 1934 — Vol. I

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: AGÊNCIA GERAL DAS COLÓNIAS
RUA DA PRATA, 34 // LISBOA // TELEFONES 20651 - 20652

//

C ... A
(In ... to)

	6 meses	12 meses
Continente e Ilhas ad...	17$00	32$00
Colónias Portuguesas ...	23$00	45$00
Estrangeiro, Índia, Ma...	50$00	100$00

TIRAGEM ESPECIAL
em papel Manchester Ledger e couché Chelsea
Numerada de 1 a 40 e rubricada pelo Director.

	6 meses	12 meses
Continente e Ilhas adjacentes	55$00	100$00
Colónias Portuguesas de África	65$00	120$00
Estrangeiro, Índia, Macau e Timor	100$00	200$00

Custo de cada exemplar 10$00

Comp. e Impr. - Sociedade Industrial de Tipografia Limitada - Rua Almirante Pessanha, 5 - ao Carmo
L I S B O A

UMA PATRIÓTICA INICIATIVA DE «O MUNDO PORTUGUÊS»

OS CRUZEIROS DE FÉRIAS ÀS COLÓNIAS

PORTUGAL, como grande senhor que tivesse adormecido indiferente às riquezas do seu velho solar, adquiriu por fim — galvanizado por novas energias de que muitos o não supunham capaz — a consciência do seu poder e da sua fôrça, das grandes responsabilidades da missão que os seus antepassados lhe impuzeram, da orientação que pela grandeza de suas obras e de seus nomes, ainda hoje lhe ditam e ordenam.

A extensa lista de heroismos, de sacrifícios e de feitos quási sobre-humanos, que tem no seu passado, tocaram-lhe finalmente o coração.

Do tempo que tem perdido, cada hora lhe confrange a alma, como duro remorso eterno, ao lembrar-se que nos oito séculos de lutas e de esforços em que os seus maiores tão alto elevaram o seu nome, poucos minutos se devem ter perdido, nesse extraordinário sonho de grandeza que êle por vezes não soube continuar e compreender.

Compenetrado agora de que tão grande obra não pode morrer no presente, mas tem de projectar-se no futuro, de que o grande património que lhe legaram não deve perder-se e tem de ser engrandecido, só procura que a história do heroismo quási lendário de seus pais, seja a grande lição a transmitir a seus filhos.

*
* *

A história de Portugal, peça de grande acção e de extraordinários personagens, que nos dá em cada cena a emoção de um final de acto e em cada quadro tem a beleza de um poema, história como nenhuma outra rica de feitos heróicos e de rasgos sublimes nos mais variados e grandiosos cenários de todo o globo, história que deu epopeias de secular repercussão, não pode deixar de ter a seqüência que a grandiosidade dos primeiros actos lhe marcou.

É uma peça que não pode dignamente acabar no marasmo suícida e no criminoso esquecimento dos fins elevados e nobres — e pela fé que os tocava, quási divinos — daqueles que a iniciaram.

*
* *

Num frémito que o percorreu de ponta a ponta, Portugal acordou de novo para desempenhar o seu verdadeiro papel no mundo; ergueu-se novamente no seu antigo aprumo, para cumprir, cheio de entusiasmo e de fé ardente, a sua missão civilizadora.

Sempre acariciado pela espuma tentadora do Atlântico, que as suas velas e as suas azas foram as primeiras a atravessar, atraído pelas vagas que embalaram durante séculos as suas frágeis caravelas e as levaram amorosamente, onda a onda, até às paragens mais remotas, êle hoje sente que o mesmo anseio de grandeza, de ressurgimento e dignidade nacional, tem de ser por elas transmitido a todos os cantos do globo onde se fala a sua língua e se ergue a sua bandeira.

É o entusiasmo juvenil—essa grande fôrça tôda feita de puros ideais e nobres sentimentos, que nenhum vício ainda contaminou — que melhor pode desempenhar essa missão.

Só dêsse entusiasmo êle hoje deseja que todos se compenetrem; só da sua grande confiança no futuro êle pretende contagiar a mocidade, elevando-a por tôdas as formas à plena consciência da sua fôrça e do seu valor no passado e no presente, dando-lhe a certeza das grandes possibilidades que Portugal teve e terá sempre, de prosseguir o mais nobre e próspero destino.

*
* *

Mas não basta descrever Portugal aos portugueses, recordar a sua história, dizer a sua extensão, afirmar as suas possibilidades e o seu valor; é preciso mostrar a todos, apresentar principalmente aos olhos maravilhados daqueles que têm o futuro na sua mão, tôda a grandeza e vastidão dêste pequeno-grande país, que, século a século, num esfôrço que ainda hoje nos espanta, chegou a alargar-se pelas cinco partes do globo, desvendando e percorrendo todos os mares e continentes, dominando em todos os quadrantes, levando a todo o mundo a sua fé e a sua civilização.

É preciso que a mocidade o fique conhecendo palmo a palmo, em todos os seus aspectos, em todos os seus valores, em todos os seus mais diversos e maravilhosos efeitos cenográficos, de grandiosidade e de beleza, que o tornarão mais querido e mais amado e portanto melhor defendido, como bem precioso que se não deve perder.

Nessa campanha patriótica de propaganda ultramarina junto das novas gerações, quere «O Mundo Português» — a-pesar-de ser o mais humilde soldado dessa ala de namorados da Pátria—dar o melhor do seu esfôrço e a mais decisiva contribuïção, tentando iniciar os Cruzeiros de Férias às Colónias.

Nesses cruzeiros anuais, ficará a mocidade portuguesa de tôdas as escolas e liceus, a conhecer melhor e a apreciar devidamente Portugal em todos os seus recantos mais distantes.

Criará maior e mais fundado gôsto por todos os assuntos coloniais.

Mais entranhado amor pelo nosso vasto império, que tão necessitado está das boas vontades, do carinho e do interêsse das novas gerações.

Fixará melhor muitas das noções que lhe ensinaram e muito do que aprendeu nos vários ramos do saber humano, próprios de um ser modernamente civilizado.

As próprias viagens — pelas conferências de professores, de artistas e de escritores que os acompanhem — serão ótimas fontes de cultura para tôdas essas mentalidades em formação.

Cada cruzeiro — pela reünião de alunos de todos os liceus e escolas da metrópole e depois pelo seu contacto com os das colónias que visitem — será um poderoso factor de camaradagem e de aproximação de tôda a mocidade portuguesa.

Os prémios de passagens, que — «O Mundo Português» dará aos alunos, que durante o ano mais se distingam em determinadas disciplinas e àqueles que melhores trabalhos apresentem sôbre assuntos coloniais — constituirão também um grande estímulo e um poderoso incentivo ao estudo e ao desejo de cultura de todos êles.

E finalmente — pelo contacto com as terras distantes que num passado glorioso foram descobertas e conquistadas pelas esforçadas gerações que nos precederam, a poder de revezes, de lutas, de canceiras e de perigos em que, de persistência hercúlea e de audácia inexcedível, puzeram «mais do que permitia a fôrça humana» — criarão um mais entranhado amor a tudo quanto é nosso, aprenderão a querer-lhe como a depósito sagrado, que é preciso guardar e defender.

Porque nada se radica em nós mais forte e perduràvelmente, do que as impressões colhidas na mocidade.

Um espírito juvenil — campo novo e rico e puro de tôdas as perniciosas influências que a vida lhe ha-de trazer — é a melhor matéria prima para trabalhar o futuro, aquela onde melhor se gravam os mais nobres e desinteressados sentimentos, os puros ideais patrióticos, os mais elevados anceios de dignidade e de grandeza nacional.

Quinhentos, seiscentos, mil rapazes que percorram os vários pedaços dispersos da sua pátria, são mil corações onde ficarão para sempre inapagáveis, a admiração e a saüdade por tudo o que viram nessas paragens longínquas, são mil entusiásticos factores de propaganda nacional de norte a sul do país, junto das famílias, dos amigos e dos colegas que ficaram e que depois só ficarão com o desejo ardente de lá ir também.

Convencido do largo alcance dessa cruzada patriótica, «O Mundo Português» dará no próximo número o programa do 1.º cruzeiro colonial, o itinerário completo da viagem e as condições em que deve realizar-se.

E a mocidade portuguesa poderá ir assim, todos os anos, percorrendo os cenários de maravilha, onde durante séculos de heroismo e de tenacidade sobrehumana, se desenrolaram as mais brilhantes cenas da nossa incomparável epopeia ultramarina, gravando assim melhor nas suas almas de jovens lusíadas cheios de fé, o que já tenham lido, ouvido ou aprendido àcêrca das descobertas, das conquistas, do grande esfôrço civilizador da nossa raça.

A U G U S T O   C U N H A

Bases
duma nova mentalidade imperial

NUM dos seus grandes discursos modelares—foi se bem me lembro, no encerramento da *Semana das Colónias,* há dois anos — o sr. dr. Armindo Monteiro teve esta frase de sádio e estimulante optimismo:

— «*Diz-se que as nações têm, como os homens, as suas épocas de ascensão, de apogeu e de declínio. Portugal parece destinado a erguer-se perpètuamente sôbre as próprias cinzas*».

O seu brado ecoou profundamente em tôdas as consciências portuguesas. Sentimos, de facto, que Portugal não está em declínio e que, pelo contrário, tende a renascer das cinzas do seu grande passado histórico. Provou-o o sobressalto resgatador do 28 de Maio. Provou-o a doutrina clara e decisiva posta, em 30 de Julho de 1930, na base das construções em marcha. Provou-o a obra notabilíssima dos oito anos, já feitos, da Ditadura. Prova-o, enfim, a bela exaltação nacionalista que anima o País de norte a sul e que torna cada vez mais visível, e irresistível, a conquista da vitória!

Não é só, porém, como um grito de fé que estas palavras do sr. ministro das Colónias devem ser celebradas e meditadas. É, também, como axioma prévio a colocar na entrada duma nova idade em que se pretende desenvolver entre nós uma forte mentalidade imperialista.

Portugal vivia há muito divorciado dos seus altos destinos de povo imperial. Vivia numa posição subalterna de potência de segunda ordem — quando lhe cabe, sem dúvida alguma, um dos maiores lugares entre as primeiras potências do Mundo. Tenhamos a plena e forte noção do que somos — para atingirmos na realidade o sonho que legitimamente representa a finalidade histórica da raça. E ouçamos de novo o sr. dr. Armindo Monteiro definir o rumo a tomar, nessa cruzada inadiável:

— «*Portugal pode ser apenas uma Nação que possui colónias — ou um Império. Êste será a realidade espiritual de que as colónias são a corporização. A par da extensão territorial, o Império resulta sobretudo da existência de uma mentalidade particular a que devo chamar imperial. Funda-se esta, essencialmente, na certeza que a Nação possui do valor da obra que já realizou, na vontade de a prosseguir ininterruptamente, na convicção de que pode prossegui-la, vencendo tôdas as dificuldades — porque é êsse o seu direito*».

Eis uma poderosa síntese, em que se abrange o amplo sentido que veio dar, à política nacional, a orientação do Estado Novo. Nas últimas décadas, embaraçados na permanente guerra civil do sistema individualista dos partidos, os portugueses gastavam, de preferência, as suas energias a lutar uns contra os outros. Assim se deprimiu o nosso moral, se desfalcou o nosso património, se inutilizaram esforços que mereciam uma sorte bem diversa. Não nos têm faltado valores individuais, espírito de luta e de sacrifício, capacidade de trabalho e audácia nas iniciativas. Não nos tem faltado valentia, persistência, ânimo vigoroso, desinterêsse, estoicismo. Tem-nos faltado apenas — e é quási tudo — unidade na colaboração, submissão a um método comum, e, acima de tudo, fé em nós próprios e no futuro de Portugal.

São estes elementos essenciais de fortalecimento e de triunfo que os actuais dirigentes do Estado conseguem restituir-nos. Ao mesmo tempo que promovem a reconstrução cuidadosa e profunda do organismo português continental — vão traçando e realizando o imenso plano da consolidação e integração do Império. Não bastaria, com efeito, manter e ordenar a metrópole; era indispensável, e urgente, alargar o fermento renovador às Ilhas e ao Ultramar.

Tem razão o sr. ministro das Colónias: para alcançar êsse objectivo, é preciso favorecer a criação duma genuina e consciente mentalidade imperialista. Só assim poderemos cumprir todo o programa estabelecido pelo novo ciclo da nossa vida colectiva; só assim corresponderemos, também, à missão que nos cabe dentro dos largos quadros da civilização do Ocidente.

Breve, tentarei marcar o justo alcance, e os claros limites, dêste termo *imperialismo*. Porque o nosso *imperialismo* não deve ser confundido com outros — que significam ameaça, absorpção ou luta sem fim. O nosso *imperialismo* é determinado pela História e pela estrutura religiosa de Portugal. Vocação imperial e vocação religiosa — andaram sempre a par, na tradição que reatamos.

J O Ã O A M E A L

O SIPAIO XEQUE ASSAN BIN XEQUE ILMAL DE ARABÓ DE PERNEN — INDIA PORTUGUESA

LITO. NACIONAL — PORTO

OS POEMAS COLONIAIS

DE ALBERTO OSÓRIO DE CASTRO

V

AO VIR DA MONSÃO

Vão em silêncio os corvos febris
Na cinza azulada dos céus de chuva
Já se abrem estranhos caládios senis...
Ir-me-ás pôr flores, ó minha viuva!

Ir-me-ás pôr flores ó minha viuva
Nas horas de febre e sol, as senis
Aparições muito albentas... A chuva!
Doçura da chuva nos céus febris!

Subiram mais alto, com gritos mais torvos,
No incêndio dos céus cintilantes, os corvos,
Erguiam-se as palmas, na ânsia da chuva,

Secavam nascentes no fogo dos montes.
Agora já cantam as águas nas fontes...
Ir-me-ás pôr flores, ó minha viuva.

Margão, Junho de 1891.

VI

À CATIVA BÁRBARA

Rosto singular,
Olhos socegados,
Pretos e cançados,
Mas não de matar.

Luiz de Camões — *Endechas a Bárbara escrava.*

Airoso bronze ainda candente,
Corpo que escalda e que embriga,
És a Deusa da India ardente,
Que nos imola e nos afaga.
Idolo de olhos constelados

E braços finos de veludo,
Há só sangue em teus noivados,
Febre em teu lábio doce e mudo.

Ó Sitá, castíssima Esposa,
Kali sangrenta e tenebrosa,
Irmã de tigres e capêlos,

Energias da nossa raça
Tôdas quebrou a tua graça
Teus manilhados tornozelos.

Caranzalem, Fevereiro de 1934.

VII

ROSAS DA ÍNDIA

Rosas da India, tão desmaiadas
de coração,
rosas da Maia nas desfolhadas,
como sois lindas, mais encarnadas
que S. João!

Cheirais a almiscar e a pimenta,
ó Descendentes!
— rosas que um pouco de amor adoenta,
rosas que o fogo da febre avidenta
em noites ardentes.

Cheirais a rosas, rosas criadas
ao sol natal!
Rosas vermelhas desabrochadas,
rosas no luar das desgarradas
de Portugal.

Pálidas rosas a desfolhar,
ó Descendentes!
assim fraquinhas não podeis amar.
Ide sonhar, na cova, ao luar,
bodas ardentes!

Rosas da India, vós não amais.
Ai que saüdades de amores liais
do coração,
rosinhas da Maia nas desfolhadas,
ó nossas moirinhas, que sois desmoiradas
ao vir do S. João.

Pangim, Julho de 1895.

VIII

GÔA MORTA

Ao Dr. F. X. da Silva Teles

A pequenina sombra veio
Junto de mim, leve a sorrir.
Sob o antigo brocado o seio
Parecia ainda sentir.

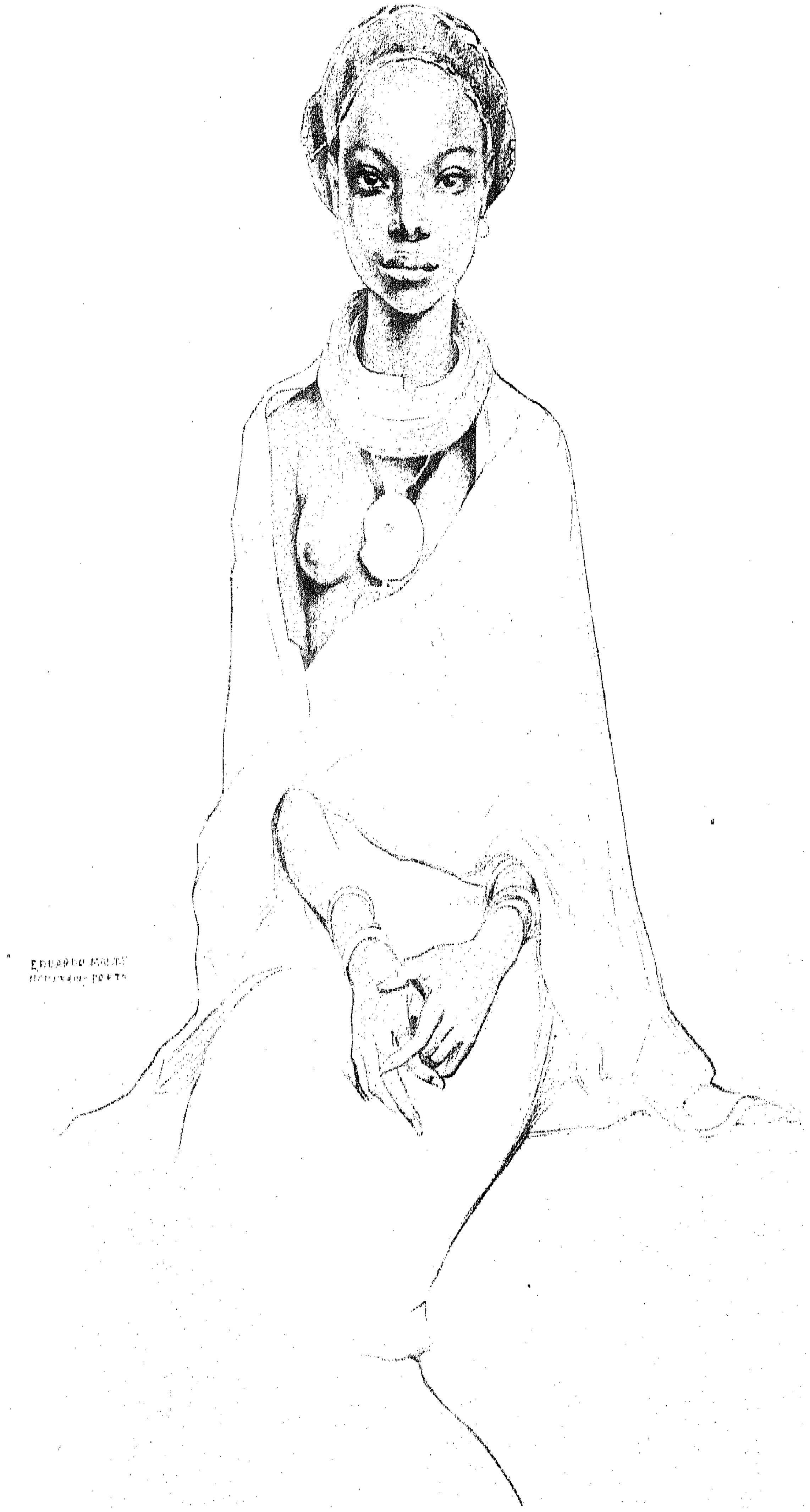
Era o palor dos seus pésinhos
Como as pérolas dos chapins
E enrolavam-se-lhe aos bracinhos
Serpentes de oiro e de rubins.

Sorria... A coifa de beirame
Mal continha ao cabelo o ardor
E era como um filtro e liame
Sua velada voz de amor.

«—Amei. E agora amo na morte
Como na outra vida amei.
Se amar é crime, é minha sorte,
E em meu crime feliz serei.»—

Na Sé o Sino de Oiro *tange!...*
A noite, a sombra doce atrai...
Surge do luar, o claro alfange,
Sôbre a pequena sombra cai...

Caranzalem, Novembro de 1906.



NANGOMBE, DE 15 ANOS, FILHA DO SOBA CANCAUGUE N'UENEGUNGO DE QUIPUNGO — ANGOLA

LITO. NACIONAL — PORTO

DO PORTUGALÓRIO AO IMPÉRIO

NUM momento de angústia nacional, desabafando com Oliveira Martins, Antero teve esta frase desalentada: «Pobre *Portugalório!*» Era pouco depois do *Ultimátum.* Passado o *momento* da exaltação patriótica, a depressão invadia as almas. A própria *Liga Patriótica do Norte* morria, numa noite de chuva. Tinha sido convocada uma reünião à qual apenas compareceram Antero do Quental, presidente da *Liga,* e o conde de Rezende, secretário. «Ambos se olharam pensativamente, deram duas voltas à chave da casa para sempre inútil, e vieram, sob o vento e sob a chuva, acabar a sua noite em Santo Ovídio», conta Eça de Queiroz.

O péssimismo de Antero vinha de longe, pois que já em 1872, apreciando o livro de Oliveira Martins — *Camões, os Luzíadas e a Renascença em Portugal* — Antero escrevia: «a decadência nacional é o grande facto inexorável da nossa história, vai em três séculos... Decadência irremediável? pregunta o sr. Oliveira Martins nas últimas páginas do seu livro. Não! responde-lhe a filosofia revolucionária. A nossa renovação moral e literária será possível no dia em que, pela reforma das instituïções sociais, por uma nova e melhor compreensão da justiça, comece outra vez o espírito a circular neste grande corpo, *mais inerte ainda do que acabado, volte a animá-lo uma alma, um ideal colectivo*».

Enganou-se o espírito de Antero no sentido da revolução? Não era a sua filosofia revolucionária a mais indicada para impedir a continuação da nossa decadência? Não o censuremos por isso. Se olharmos para o que nos cerca, se atendermos no pensamento dos homens que vivem comnôsco o nosso tempo, verificaremos que também hoje alguns belos espíritos se enganam e que, depois de terem desejado ardentemente que um espírito revolucionário renovasse Portugal, se deixaram transviar, e se mostram insatisfeitos com os resultados de

uma revolução que, aliás, foi muito além do que êles próprios esperavam. Se Antero não acertou no remédio a dar ao mal, porque o seu espírito estava impregnado do socialismo humanitário e utópico da época, acertou pelo menos na causa imediata do mal: «o que é que impede *verdadeiramente* a reorganização das nossas sociedades? É apenas a ignorância de uma teoria, do sistema salvador? ou será um facto íntimo, o *individualismo,* elemento psicológico que condiciona tudo o mais? «Era, de facto, o individualismo, o factor poderoso que impedia, e impediria ainda por muitos anos, a reorganização da sociedade portuguesa. Em carta dirigida a Henrique das Neves, Antero preguntava: «Terá êste pobre povo tão enfraquecido moralmente, e intelectualmente desnorteado por 50 anos de misérias partidárias e de ilusões liberais, e a quem falta um forte sentimento nacional, terá capacidade ainda para tantas virtudes?» Hoje podemos responder afirmativamente à dúvida de Antero; mas hoje não se vive em Portugal sob o signo do liberalismo, como naquele tempo, quando Antero escrevia a Frederico Denis de Aiala: «a política anti-portuguesa do partido regenerador nesta questão *é mais uma completa manifestação da incompatibilidade do liberalismo com o nacionalismo,* cujas raíses e essência são muito outras».

Em 1880, candidato socialista por Lisboa, Antero continuava a salientar, no seu manifesto eleitoral, as causas da nossa decadência: «mas, à medida que essa sociedade burguesa, transformando-se surdamente, entrou em decomposição, os partidos saídos dela e que a representavam, perderam também gradualmente a sua autoridade social: *de partidos, transformaram-se em bandos,* enquanto os seus programas, a princípio lemas jurídicos, se foram reduzindo ao estado de frases duma retórica tradicional». Se vivesse mais uns anos, que escreveria Antero? Talvez não pudesse ir mais além, porque as suas palavras escritas em 1880 se adaptam perfeitamente à situação de 1926: «*no ambiente subtil e esterilizador dessa conspiração permanente, que é a essência mesma do parlamentarismo* (os partidos) *perderam a noção da realidade; e, enquanto o número se transforma, vão repetindo maquinalmente as costumadas téses de uma filosofia política caduca e que nem já compreendem*».

Não vem para aquí o estudo da personalidade política de Antero do Quental; pretende-se apenas justificar o seu péssimismo, ao falar dêste «pobre Portugalório!» que era o Portugal do seu tempo. Antero não exagerava, porque em 1896 Silva Cordeiro escrevia no seu livro «*A crise nos seus aspectos morais*:

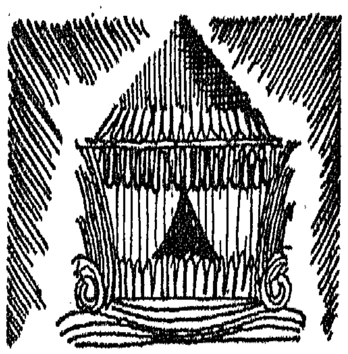
«Para esta dissolução geral, os partidos deram a contribuïção máxima. O que eram êles ainda em 1878, e o que são hoje? Se ainda há pouco eram bandos organizados à conquista da *curée* orçamental, hoje não passam já de fragmentos avulsos que um acaso agrega à roda do núcleo momentâneo, inconsciente e amorfo que lhes venha da entidade igualmente amorfa e momentânea, flutuando ao de cima na varanda... Do pessoal político, cada vez mais reduzido, o número dos *fixos* vai mínimo e depreciado; superabundam então os *circulantes,* que fazem escala pelos partidos, qual de cima, qual de baixo, para as sinecuras rendosas... governar *com* a opinião, dizem uns: — *contra* a opinião é que é preciso, bradam outros. E causa realmente dó a imbecilidade com que êstes homens diàriamente auscultam os arúspices pelo telefone das suas gazetas e dos seus corrilhos, para sondar a opinião — se ela aceitará pares de galão branco ou corregedores de faixa azul, — se quererá pagar o impôsto quando o parlamento esteja aberto ou quando se feche, e... *sic de cæteris.* Nas eleições que prodígios de cálculo, que esperteza de cudilhos, que ratices na comparsaria do jornalismo a balancear a estatística das fôrças... Tantos votos ganhos na freguezia de tal, tantas baixas para alí, tantas pêrdas acolá... Depois a discussão das influências e suas partes pessoais dos *cheiks* da urna... Com isto gastam rêsmas de papel durante semanas inteiras e seguidas, imaginando o país todo ali na Arcada a ouvi-los para aplaudir ou patiar. Profunda psicologia que êstes homens têm das multidões — e das multidões portuguesas!»

Pobre *Portugalório!* dizia Antero. E não foi só *Portugalório:* foi também *Turquia do Ocidente.* Entretanto, iamo-nos convencendo uns aos outros de que Portugal era *país pequeno.* Inventava-se, na França ou na Bélgica o verbo *portugalizar.* E assim andou Portugal durante anos e anos, desacreditado aos olhos dos estrangeiros, desacreditado aos olhos dos próprios portugueses, que haviam perdido a fé nas suas virtudes antigas e no seu carácter doutro tempo. Um dia, porém, tudo mudou. De povo *assistido,* passámos à categoria de povo *admirado.* Em vez de mendigarmos auxílio, vinham com êle até nós, a oferecê-lo... Quando os outros povos, mais fortes mas não mais dignos do que nós atingiam o auge da crise política, económica e social, nós tínhamos já passado o *ponto morto,* e começávamos o nosso renascimento, social, económico e político. E até demos pela existência das nossas possessões ultramarinas, — nós, que delas viveramos durante tanto tempo divorciados, dando azo, pelo nosso desleixo, a que sôbre o céu do ultramar português algumas trovoadas de ambição estrangeiras se formassem. Como foi possível êste milagre?

O milagre foi simples de realizar: bastou que se eliminassem as causas, para que os efeitos cessassem. Queixava-se Antero da incompatibilidade do liberalismo com o nacionalismo, e da ausência de ideal colectivo: sacrificou-se o liberalismo ao nacionalismo. A Revolução no Poder punha em marcha o ideal colectivo que nos faltava: os portugueses passaram a considerar-se possuidores de um vasto Império, abandonando a concepção de país pequeno. Eliminadas

as lutas internas dos partidos, pôde começar-se a trabalhar activamente no plano nacional. Em seguida, com o Acto Colonial, com a visita do ministro das Colónias ao ultramar, com a conferência dos governadores, com a reforma administrativa das Colónias, com a Exposição Colonial do Pôrto — enveredámos nìtidamente pelo caminho imperial.

Portugalório! Vasto Império! Comparem-se os tempos, comparem-se as ideas, comparem-se as circunstâncias, e note-se o caminho percorrido: a distância é enorme, porque foi grande a revolução nas ideas. Assim os homens, olhando para trás, não esqueçam quanto lhes custou chegar até onde estão, e não queiram trocar as satisfações da paz pelas agruras da guerra.



A U G U S T O   D A   C O S T A

A CIDADE

DE LOURENÇO MARQUES HÁ 50 ANOS

A maior parte da gente que conhece a linda e grande cidade de Lourenço Marques, certamente ignora que, ainda não há 50 anos, ela só ocupava aproximadamente a área abrangida pelas actuais ruas Consigliéri Pedroso e Araújo a qual era limitada pelo situário e pelas muralhas duma velha fortificação.

Então, os terrenos ainda hoje conhecidos, pelo Cântano e os ocupados pela Avenida da República eram cobertos de água, pelo menos durante as marés cheias, pelo que a cidade se podia considerar edificada numa minúscula ilha de areia.

À medida que a população ia crescendo, a sua densidade aumentava também, mas tão ràpidameute que em breve seria impossível viver-se nela, a não ser que fôssem alargados os seus limites, no que ninguém pensava por causa dos constantes receios que havia dos ataques dos indígenas que povoavam os terrenos visinhos, domínios da raínha de Machaquene.

Em 1882, o govêrno central, por D. de 3-8, nomeou o então major de engenharia, Joaquim José Machado, para proceder aos primeiros estudos do caminho de ferro de Lourenço Marques, o que êle fêz desde 19 de Setembro daquele ano até 23

de Fevereiro de 1883, que foi todo o tempo que, desta vez, se demorou em Moçambique.

Tendo apresentado o resultado dos seus trabalhos, por D. de 8-6-83 é o mesmo oficial nomeado para proceder aos estudos definitivos daquele caminho de ferro, e, com autorização e a pedido do Presidente da República do Transvaal, aos do caminho de ferro da cidade de Pretória à fronteira portuguesa.

Para desempenho desta importante e honrosa missão, Joaquim José Machado esteve na África Oriental, desde 22 de Julho de 1883 até 16 de Abril de 1885.

Inteligente, sabedor e observador como era, em breve êste engenheiro constatou que Lourenço Marques, com a área que tinha, não podia comportar o certo e grande desenvolvimento que a construção dos citados caminhos de ferro lhe trariam.

Tendo estudado tão importante problema, chegou à conclusão de que a única maneira de Lourenço Marques se poder dilatar era livrá-la das muralhas que a encarceravam.

Sondou as autoridades locais e verificou que não pensavam na resolução dêste assunto, pelo menos com a largueza de vistas que êle requeria, porque elas também não eram livres do pavor que a todos incutia a idea de viverem fora da fortaleza, pelo que nem sequer pensou em tentar pôr em execução plano, com a necessária e prévia autorização superior.

Resolveu, pois, dirigir-se ao chefe das Obras Públicas do distrito, que, salvo êrro, era um capitão de infantaria, a quem, depois de ter obtido a promessa de guardar o mais absoluto segrêdo, pôr ao facto dos seus planos, e o qual declarou que os executaria se recebesse do Major Machado, a-pesar-de nada ter com as obras Públicas, para isso ordem por escrito.

O Major Machado tinha já ganho a partida, pois encontrara o necessário e indispensável colaborador!

Depois de ter recebido a pedida ordem e as mais detalhadas instruções para a execução dos trabalhos, o chefe das Obras Públicas mandou concentrar nas imediações da cidade os indígenas que julgou necessários, e, no dia prèviamente fixado, depois da população de Lourenço Marques ter adormecido sossegadamente por julgar que ainda e muito tempo, os velhos muros a defenderiam das surprezas dos pretos de Machaquene, mandou escavar os alicerces da fortificação pelo lado de fora numa extensão grande.

Como as fundações assentavam em areia solta, o trabalho pôde fazer-se não só com rapidez mas sem ruídos que o denunciassem ou sobressaltassem os habitantes da cidade.

A execução desta obra foi tão bem planeada que, antes de ter terminado a noite, uma grande extensão das muralhas tinha sido derrubada, parece até que sem ninguém ter sentido a sua queda.

Nesse tempo o govêrno geral da província estava na ilha de Moçambique, e confiado ao distinto oficial de marinha, Augusto de Castilho; em Lourenço Marques estava o govêrno de distrito, instalado no edifício que faz esquina para a Praça de Março e Rua Consigliéri Pedroso, tendo as janelas viradas para esta o seu horizonte limitado pelas muralhas que cercavam a cidade.

Logo de manhã, quando o ajudante do Governador do Distrito abre as janelas e, em vez da sua vista esbarrar como ainda na véspera, na negra alvenaria dos velhos muros, ela se estendeu pela encosta fronteira, ficou verdadeiramente aterrado pelos efeitos de um cataclismo que não sentira e cujas conseqüências nem sequer podia medir.

Vai pressuroso informar o Governador, que depressa corre certificar-se de que não era pesadêlo o que acabara de ouvir, mas sim sensível realidade!

Como certamente a quási totalidade da gente, julgando muito ameaçada a tranqüilidade da cidade, solicitou ao Governador Geral a sua vinda urgente a Lourenço Marques, o que êste fez sem demora a bordo de um navio de guerra.

Enquanto impacientemente aguardava a chegada da primeira autoridade da colónia, o Governador do Distrito teve ocasião de se informar de quem tinha planeado e mandado executar tal obra.

Apenas desembarcou, o Governador Geral mandou chamar ao palácio do govêrno local o engenheiro Machado, trocando-se entre êles aproximadamente o seguinte diálogo, falando o primeiro, a-pesar das amistosas relações que entre ambos havia, com a austeridade própria das suas funções e da gravidade do assunto, e o segundo com respeito e com a serenidade e firmeza que a consciência dos seus actos lhe dava:

— Quem mandou derrubar as muralhas de Lourenço Marques?

— Eu, responde Joaquim José Machado.

— De quem recebeu ordem ou autorização para isso?

— De ninguém.

— Porque a não pediu?

— Porque sabia que não ma davam.

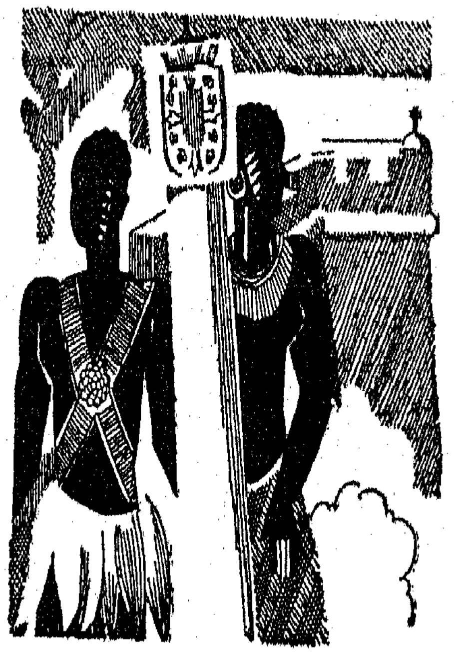
— Que razões o levaram a proceder assim?

— Como era absolutamente indispensável para o desenvolvimento da cidade que desaparecessem as muralhas que a encarceravam, e como tinha a certeza de que nenhuma autoridade era capaz de mandar ou autorizar a sua demolição, mandei eu fazê-lo, e muito em segrêdo para que ninguém podesse opôr-se.

— E sabe em que falta incorreu e as conseqüências do seu abuso de autoridade lhe pode acarretar?

— Sei muito bem, Sr. Governador Geral. Posso ser severamente castigado; posso mesmo ser fusilado. Mas do que eu tenho a certeza, e disso mesmo me hei-de vangloriar tôda a minha vida, é de que as muralhas não hão-de ser reconstruídas!

Nesta altura tôda a severidade do Governador Geral, Augusto de Castilho, desapareceu, e com um grande e afectuoso abraço êste sancionou e premiou o arrojado feito do Major de engenharia, Joaquim José Machado, a quem todo o país, e muito especialmente a colónia de Moçambique, com Lourenço Marques à frente, tanto devem.



A MÍSTICA DUMA CONVERSÃO

(ENSAIO SÔBRE UM TEMPERAMENTO)

SENTADO entre a gélida hostilidade da sua casa em desordem, vendo bugigangas claras de *étagère* a bocejarem o seu cínico fastio de entre amontoamentos dobrados, de tapetes, e, arrumadas a um canto, numa turba gibosa, as velhas gravuras, *que êle reparava agora que faltavam nas paredes,* quando durante tanto *tempo não dera por que elas lá estivessem,* — Cláudio Ruivo admirava-se de não sentir nenhuma espécie de perturbação; dos nervos não lhe estalarem ante a perspectiva de ir deixar tudo isso, que havia sido a fôfa mornidão e o sápido banho de brancura, de uma existência inteira de embevecimentos egocêntricos e combustões silenciosas de extases.

Nunca calcularia que tantíssimas lianas inextricáveis, que tantíssimos fios em enrodilhamentos do aço mais forte, o tinham assim preso, jungido ao que, afinal, se encontrava a detestar, muitas vezes, com a sua obstinação violenta de indeciso, com o seu parti-pris adunco de timorato, que na certeza da impossibilidade de se libertar de tal coisa constróe o motivo mais tenaz do seu exaspêro inútil contra ela...

Eh, o que o desorbitava dos carreiros da calma reflexão, donde não queria sair, não era o enigma, um tanto inquietante (dada a desconexão

do seu «eu» nervoso e a falta de fulcro dominador, autócrata, para os desatinos da vontade) do que lhe estaria reservado no modo de vida, diverso, que propositára pôr na sua róta, mas o horrível verificar que a perda de isso, que, uns meses mais além, seria já o passado distante, a esfarrapar-se em bruma, — tinha para êle um simile doloroso de amputação física.

A contemplação dos seus livros, sobretudo, eis o que o afligia ao máximo.

P'r'ali, aos montes, perdida a sua personalidade esplendorosa, a sua vida extreme de criaturas bem-queridas, com cujo convívio se afusa a instintiva *simpatia* das gentes e por fôrça de cuja fulgural sedução as almas aeroplanam em subcéus violeta-e-oiro de sonho; engelhada, morta a sua magnificente flamância de espadachins semi-deuses de ideas e de imagens, p'ra não serem mais do que misérrimas *coisas* ininteligentes, que *obstruiam*, que atrancavam tudo com o seu pletórico descomedimento,— Cláudio Ruivo odiava-os agora, obsecado, ainda por cima, com sua ponta de *vergonha* pela estranheza cínica, pelo reprimido pasmo motejador, que a abundância dêles suscitava nos matulos brutais da carga.

Odiava-os, como a amantes, que inopinadamente envelhecessem, a que um alcachinamento brusco esmantelasse a silhueta estridente de sedutôras, e que já não ficava bem estadear na rua, ao nosso lado...

Tinha sido até aí um desigual; amoroso de músicas tristes e crepúsculos de feitiço, que os outubros orquestram com tôda a sumptuosidade das suas agonias e o *cobre ardente* dos seus afogueamentos; com contemplativas demoras frente aos escaparates dos joalheiros, a impregnar-se do *oriente* que estrelece na água finamente mórbida de certas gemas; a melancolizar-se do lutuoso soluço das safiras; sabendo encontrar para os desaires molestos do dia-a-dia a compensação num ramo de junquilhos, ou no azul impressionista das violetas de Parma, convalescendo em desmaios de tons, como que talhadas no delido subtil, dir-se-ia *cariado de raça*, de estofos antigos.

Julgava-se num minuto tão grande como Shakespeare, ou com os mesmos direitos à celebridade espectaculosa de Byron, quando esculpia frases como esta, por exemplo:—Há mulheres que, por mais que a gente faça, não consegue ver senão vestidas, e outras, que a nossa imaginação só visiona em pêlo, os olhos espásmicos, aliciadoramente núas...

...mas no minuto seguinte já esperecia em prostradas raivas de impotente, a sentir-se mais anodino do que um repórter, dêsses que *mais tarde* irrompem em invertebrados propulsionadores de hebdomadários, pigarreando entre um charuto e o pronto-alívio da tesoura dos recortes.

E esta bússola doida, de exaltações e parésias, de entusiasmos e ralos humildes de sub-solo, regêra durante anos e anos o ritmo duma sensibilidade que, por conjura dos fados, não podia ser feliz, exactamente, quem sabe? pelo *exagêro* de possibilidades com que viera ao mundo para o ser; debuxára o claro-escuro de tantas horas intensas, mas sem glória...

...Foi quando um amigo, que trazia ainda nos olhos a fumegante maravilha das caleidoscópicas miragens de além-oceano, depois de apregoar que *ressuscitára*, ao trocar os esplendores serigaitas da Rua do Ouro pelo forte desconfôrto das savanas que reverberam ao sol, enlouquecidas de *ardentia*,—lhe sussurrou, capciosamente, porque não partia um dia, também?! porque não se decidia a dar o grande mergulho nas captivâncias do *inhóspito*, como sentenciam *ainda* os retardatários teóricos da colonização em família, oferecendo-se uns aos outros a chícara relentada de chá e os bolinhos aguarentados do «clima mortífero» e do «não se poder atravessar já quero daqui para ali, sem capacete».

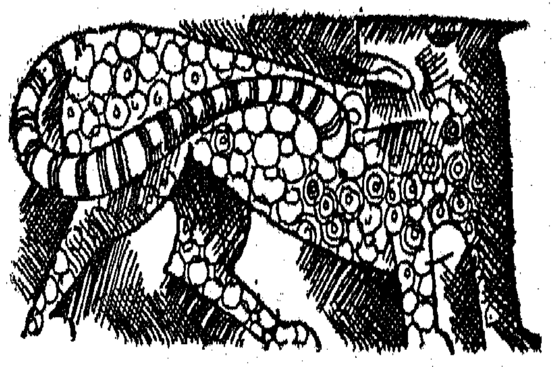
Como sucedia, uma ou outra vez, a precária ementa dos seus jantares não coincidir com a exuberância fantasiosa dos seus apetites, — Cláudio Ruivo aceitou um emprêgo de administração, propositadamente longe, a recuadíssimos quilómetros da capital da colónia, aonde ia servir...

Servir, sim! a grande palavra, que resoava, com um estrépito rubro de clarim concitando pelêjas, — no seu *antigo* cepticismo de coscuvilheiro de páginas e de alumbrador *appassionato* de ideologias!

É porque, num instantâneo clarão de bom senso eficiente, de que jàmais se julgára capaz a sua acintosa atonia, — êle entrevira isto: que a aceitação dêsse lugar, melhor que resarcir deselegantes esgarçaduras materiais, iria *humanizá-lo, fazê-lo lógico com a vida,* que não é mirando-a através de preconceitos especiosos, de compêndios de exquisitezes mais especiosas ainda, — que se entende bem.

Ser prestante, não é, no fim de contas, a forma mais depurada de ter talento?!

Ah, uma pátria é, decerto, a Musa do donaire mais excelso, a criadora de ritos, para que temos de tecer o péplum mais rico, nós, extasiados tecedeiros de palavras!



C A R L O S   P A R R E I R A

ANTES

DA CHEGADA DOS FEROZES COLONIZADORES

De quando em vez e louvando-se nas informações que freqüentemente chegam da Indo-China e da Índia e dum modo geral de tôdas as colónias estrangeiras ouvimos certos colonialistas de espírito medíocre lamentar a vida dos povos colonizados asfixiados pela nossa civilização mecanizada e prisional proclamando as excelências da vida livre que aqueles levavam antes da chegada dos ferozes colonizadores. Começa a ser necessário desmentir semelhantes atoardas que nem por serem estultas deixam de ser perniciosas.

*
* *

Há muito que o desenvolvimento do comunismo nas possessões coloniais da Inglaterra e da França — mesmo quando aparece mascarado nas reivindicações justíssimas dum Gandi — preocupa os espíritos inclinados à observação dos movimentos sociais que, por se pretenderem universais, devem ser para cada qual e por isso mesmo objecto de estudo atento.

Achamo-nos com efeito em presença de um despertar de ódios de raça que remonta a milhares de anos e de que a Europa Central ainda conserva a clara lembrança.

A guerra e sobretudo a explosão do bolchevismo conforme o afirmou Lenine permitiram aos instintos tenebrosos da Ásia de retomar o perdido fôlego.

Nada se poderá resolver e nada lograremos remediar se nos desinteressarmos e lògicamente não estabelecermos uma ligação entre os movimentos actuais, e as revoltas, ameaças e invasões que do mais profundo da noite dos séculos e sob as formas mais diversas as precederam...

Detentores dum património principalmente africano que fàcilmente se moldou ao modêlo da nossa civilização, não tivemos que combater da mesma forma os inimigos da ordem e os adversários da nossa magistratura política e intelectual.

O nosso tacto psicológico evitou muitos conflitos, mas não pode suprimi-los a todos.

Despreocupados versáteis freqüentemente negligentes as raças que vivem sob a nossa tutela se acaso se aperceberem de qualquer quebra de energia da nossa parte não deixarão de aproveitá-la imediatamente.

Daí a necessidade duma disciplina que mantenha o nosso prestígio.

Com efeito as raças atrazadas não só são incapazes de progredir desacompanhadas do fermento branco mas ainda serão sempre obrigadas mau grado a sua ânsia de liberdade a aceitar a presença do europeu sem o qual voltarão ao estado de barbarie em que se encontravam antes de se ter iniciado o movimento colonizador.

E é por isto que aos que desejam a África e a Ásia livres se deve mostrar o que eram êsses deliciosos continentes antes da chegada dos ferozes colonizadores.

*

* *

Uma refeição de canibais nas ilhas da Sociedade ou na bacia do Zaire, é por exemplo um espectáculo empolgante, mas é melhor suprimi-lo.

Esta cena que teve lugar em Segou em 1860: o *bom* rei do país mandou colocar atrás de três mil cativos igual número de guerreiros

armados de sabre. A um sinal do rei três mil sabres caiem sôbre três mil nucas e três mil cabeças rolam por terra.

A velha aplicação duma antiga lei do império anamita antes da chegada dos hediondos colonizadores: em caso de insurreição não sòmente os revoltados mas todos os seus parentes até ao sétimo grau eram correctamente decapitados.

Os mouros da margem direita do Senegal fazendo constantes razias nas aldeias dos pobres negros sedentários da margem esquerda, e o massacre consciencioso que sempre se lhe seguia, dos homens e das mulheres idosas que já não agravam ou sem grandes faculdades de trabalho o qual não poupava senão as mulheres novas, as raparigas e as crianças.

Depois a caravana até Marrocos onde as iam vender.

As crianças com os olhos comidos de moscas e infectados de oftalmia purulenta cegavam e morriam geralmente pelo caminho. Atrocidades de que a nossa Guiné ainda conserva apagada memória.

A fábrica de eunucos de Rabat. Os grandes massacres realizados por poderosos mercadores de escravos, a metade das quais era trocada na costa por cartuchos de espingarda, enquanto a outra metade transportava à cabeça estas munições destinadas a fazer novos escravos.

E não é tudo. Em África as tribus faziam tão regularmente guerra umas às outras que não havia entre elas comunicação que não fôsse pela guerra e pela morte, de tal modo que a poucas léguas de distância as línguas eram diferentes. Em Moçambique o Gungunhana e o Maguinguana cometiam tôda a espécie de atrocidades, em que as mutilações não eram esquecidas. Em Madagascar o Rei Radama figura máxima dessa pretensa civilização malgache matava literalmente vinte mil homens para transportar até Tananarive a grande árvore cortada na floresta que devia servir de sustentáculo ao telhado do seu palácio.

As epidemias, as fomes, as mulheres dando à luz sôbre fogões quentíssimos para amadurecer o fruto—do que resultava muitas vezes a morte da criança ou da mãe e freqüentemente das duas—constituiam hábito e regra em todo o Oriente.

Perante esta confusão arripiante de práticas revoltantes e crueldades

absurdas que mais nos revelam estupidez que desumanidade, qual deve ser a atitude do branco colonizador? Não decerto uma indiferença total. Antes a adopção dos nossos métodos, da sistematização dos nossos processos.

Porque para os anti-colonialistas de profissão, de nada vale o mérito dos nossos médicos, administradores e missionários morrendo de peste, febre amarela, doença do sono etc., e contribuindo ainda poderosamente para a elevação do estatuto vital das raças indígenas, antes que abandonem por outras latitudes mais hospitaleiras os povos atrazados que sofrem.

F. ALVES DE AZEVEDO

SOLOR

TEM-SE como certo que a ilha de Solor foi descoberta por *António de Abreu*, mandado por Afonso de Albuquerque (1509-1515) em demanda das Molucas. Entraram três naus nesta viagem, e nelas embarcaram alguns Religiosos Dominicanos, que certamente puderam constatar a boa disposição dos inofensivos insulares, e do facto, natural é que tivessem dado notícia aos frades prègadores, que então assistiam em Malaca. Malaca havia sido descoberta em 1509, por Diogo Lopes Sequeira, e tomada por Albuquerque em 17 de Julho de 1511, podendo assim admitir-se que entre os anos de 1511 e 1515 António de Abreu aportou a Solor.

Dêste sucesso em diante, começam já as divergências entre os diversos autores. Querem alguns que um certo Frei António da Cruz, juntamente com outros padres dominicanos, haja passado a Solor, em 1557, onde erigiu fortaleza com cinco baluartes, de pedra e cal, incluindo nas suas muralhas não só uma igreja, como também dormitórios, e até um seminário.

Na obra intitulada «Mitras Lusitanas do Oriente», de Casimiro Cristóvão de Nazaré, diz-se que: «para segurança e defesa da ilha de Solor, e dos cristãos, levantara Frei António uma fortaleza, a qual muito tempo sustentaram à sua custa os Dominicânos, pondo capitão nela, e pagando aos soldados, os quais assistiam em tôdas as resoluções e acompanhavam em todos os combates, até que vendo os religiosos ser coisa totalmente estranha ao seu ministério — a ocupação das armas e a administração temporal — querendo-se todos empregar

no ministério da Fé, e na sua prègação, seu único fim e principal intento, recorreram em 1617 ao Govêrno da Índia, para que tomasse à sua conta aquela fortaleza e aquelas ilhas, que se sujeitavam ao domínio do Rei de Portugal, para as governar e defender dos seus inimigos. Em um lanço da fortaleza instituiu Frei António um seminário onde residia o Vigário Geral, e aí recolhia meninos de tôdas as ilhas vizinhas, os quais andavam vestidos de ópas brancas, e se lhes ensinava a doutrina cristã, se formavam em bons costumes e aprendiam a ler e escrever a língua latina e portuguesa, contando o seminário em 1596, mais de 50 alunos. No vão da fortaleza constituiu-se: «uma mui formosa igreja, tôda de pedra e cal e telha, com suas capelas de mui ricos retábulos, e ornamentos e muita prata, a qual era a matriz das cristandades, e seu título Nossa Senhora da Piedade. Abaixo da fortaleza...» de uma parte a igreja de Santa Misericórdia, de outra, a igreja de São João Baptista». Faleceu Frei António da Cruz em 17 de Fevereiro de 1590, e «sendo o Senhor servido declarar a sua glória com estupendas obras, por sua intercepção, e do irmão converso Frei Francisco Aleixo, delas fez autêntica averiguação o Bispo de Malaca» (Diogo do Couto).

Também se afirma que um ano antes da chegada de Frei António, a Solor, isto é, em 1556, outro religioso da mesma Ordem, por nome Frei António Taveira, visitara a ilha de Solor, donde passara a Timor. A influência dêstes padres, cresce ràpidamente, e consoante o costume seguido conseguiram a conversão dos mais importantes chefes, dizendo-se que ao cabo de alguns anos, não muitos, passavam de cinqüenta mil os indígenas convertidos. O comércio holandês e mouro ressentiu-se necessàriamente destas influências, e em breve ocorriam as primeiras dificuldades que os portugueses atribuiram a intrigas holandesas, sobretudo em Solor. Deve ter sido em face de situações, que se antolhavam graves, que os missionários decidiram nomear um capitão que governasse tôdas as ilhas e ao qual todos deviam obedecer.

Os holandeses que não estavam inactivos, construiram também uma fortaleza de pedra e cal, com todos os apetrechos e mantimentos necessários, o que deve ter posto em sobressalto os padres, a ponto de se decidirem a consultar os habitantes de Timor e de Solor, sôbre a necessidade de procurarem apoio no Govêrno da Índia, aconselhando os naturais a submeterem-se ao domínio dos reis de Portugal.

Com razão diz, em 1751, o vigário da Ordem, que as ilhas de Solor e Timor: «foram o melhor teatro onde os religiosos de S. Domingos representavam ao vivo o intenso desprêzo da salvação, armando-se para fim tão santo com o escudo da Fé e com a espada, sendo muitos os combates em que às mãos dos inimigos da Lei Cristã, acabaram com as vidas... e que àqueles bárbaros habitadores comunicaram o primeiro leite, com que se alimentaram nos ritos católicos... Êstes (os dominicanos) foram os primeiros que nestas ilhas fabricaram fortalezas, e os que desprezando tôdas as conveniências, que lhes podiam resultar, as entregaram ao domínio do seu Rei... e, (acrescenta o vigário ingènuamente) — deixaram *só* reservados os *estimáveis lucros* que com laboriosa fadiga, conseguiram na cultura daquela vinha.»

A verdade é que as disposições tomadas pelos holandeses, fortificando-se naturalmente em Cupão, ponto central servido por esplêndida baía, levaram os padres a pedir imediatos socorros, ao Viso-Rei da Índia D. Duarte de Menezes, conde de Távora (1584-1588), solicitando ao mesmo tempo a nomeação de um governador.

Efectivamente em 8 de Abril de 1586, e não em 1617, como se tem escrito, o Vice-Rei passava a provisão de nomeação a *Antônio Viegas*, primeiro capitão das ilhas de Solor e Timor. De Malaca eram remetidas as guarnições de soldados, munições de guerra, etc., tendo sido posta uma fusta, à disposição do capitão, para a polícia e vigilância daqueles mares.

É de uso, porém, supôr-se que a primeira entrada de europeus, se deu no ano de 1522, por ocasião da passagem de Fernão de Magalhães, governando por êsse tempo a Índia, D. Duarte de Menezes (1522-1524).

Pelos documentos que possuimos, deduz-se que Frei António da Cruz, passou a Solor em 1561, e não em 1557, e assim deve ser. Foi nomeado Superior das Missões de Solor e Timor, por D. Jorge de Santa Luzia, e dos seus serviços se encontra circunstanciado relato, na «Vida de S. Domingos».

Quanto a Afonso Taveira, há muito de romântico nas descrições das suas aventuras. A falta de elementos seguros sôbre a acção dêste dominicano, fez com que a imaginação de certos escritores, desse largas a considerações destituidas de fundamento, visto que nem mesmo nos relatórios dos Gerais da Ordem, encontramos os mínimos detalhes sôbre o Taveira, facto que nos não teria passado despercebido. No entanto o sucesso dos seus empreendimentos, deu motivo, como já dissemos, à vinda do dominicano António da Cruz, e a menos que Taveira falecesse em Timor, do que se não encontra notícia, natural seria que a direcção das missões lhe competisse, e dela não fôsse encarregado António da Cruz, como sucedeu. Pena é, pois, que Taveira desapareça tão ràpidamente da cena de Timor, sem ter deixado atrás de si a fama que seria natural encontrar nos escritores, que ao assunto se dedicaram.

Afonso de Castro, no seu livro, limita-se a descrever, numa linguagem patética, a chegada à vista da ilha de Timor, de Afonso Taveira, vindo de Larantuca, num barco de gentios:

«Sentado à prôa vai um homem magro e pálido, pelas macerações do claustro, tendo por única armadura a negra sotaina, (é de notar que os dominicanos

eram conhecidos, como já dissemos, pelo nome de frades brancos, devido ao uso que faziam, de sotaina daquela côr!) e por espada a cruz, símbolo de redenção, com que vai remir centenas de almas».

Depois, pregunta quem seria êsse homem, que arrojadamente demanda as praias de Timor, e mais adiante, para conter a tenção nervosa do leitor, é o mesmo Afonso de Castro quem desvenda o mistério, informando tratar-se de Afonso Taveira, que aprôa a Timor, habitado por um povo rude e selvagem, desconfiado e feroz (sic).

Esta pintura sombria e declamatória, que nos apresenta uma passagem histórica com as côres predilectas de um Zuluaga e os contornos de um Delacroix, não se pode na realidade aceitar, sem restricções.

A verdade é que os portugueses se instalaram em Timor, tendo porém anteriormente, como ponto de partida para as suas explorações próximas, a ilha de Solor. E provável que o Taveira, na ânsia de atrair ao rebanho católico as desgarradas ovelhas de Timor, distante umas quarenta léguas de Solor, e informado pelos aventureiros portugueses *lá estabelecidos*, efectuasse a viagem num dos barcos tripulados pelos atrevidos marinheiros gentílicos, envergando, claro é, os distintivos próprios da Ordem religiosa a que pertencia, tendo desembarcado tranqüilamente, como já o tinham feito outros portugueses.

ALBERTO FARIA DE MORAIS

O CULTO DE AGNI EM GÔA

UMA VISÃO DOS TEMPOS VÉDICOS

MAIO de 1927, ano fatídico e pestilento para a Índia. A cólera, o fatal môrbo, emergido das águas sagradas do Ganges, crescera em virulencia, espalhara-se, transportado pelas águas avolumadas do rio santo dos Hindús, pelas planícies verdejantes da Baixa Bengala, inundando o delta, lodoso de aluviões e vibriões.

Transpostas sem dificuldades as barreiras naturais, e sem ter a embargar-lhe os passos e o ímpeto quaisquer traveses profiláxicos, ei-lo, com livre prática, a marchar, como judeu errante, em direcção oposta ao curso do Ganges.

Povoados e cidades marginantes, umas após outras, caiem sob o gladio mortífero do letal contágio. Peregrinos sem conta, desde Kali-Ghat até Benares, sorvem, em derradeiros haustos de morte, a água lustral impregnada de germes, que lhes servirá de passaporte para a eternidade.

E, enquanto os caimões dos baixos lodosos do rio sagrado se sentem opressos de tanto trabalho mastigatório, Indra, no seu sétimo céu, não tem mãos a medir para facultar entrada a tantos milhares de peregrinos beatificados.

A fatídica coincidência das grandes peregrinações decenais de Mag-Mehla, em Benares e Hardwar, além de avolumar desmesuradamente o número dos bemaventurados, contribuiu para espalhar com coriscante rapidez o mortífero andaço.

O Industão inteiro fôra varrido lés a lés pela implacável pestilência; e desde o Himalaia ao Camorim as populações tranzidas de pânico, ante o apavorante espectro da morte, debandavam em tôdas as direcções, fugindo dos lares contaminados, abandonando parentes e amigos nas vascas da agonia.

A Índia portuguesa, minúscula parcela do ocidente hindustânico, não podia deixar de receber a indesejável visita do môrbo maldito. Os fortes embargos sanitários, impostos a tempo e com rigôr, tiveram sòmente o salutar condão de quebrar-lhe o impulso devastador, não havendo por isso o importuno visitante logrado devassar os interiores da nossa modesta e bem arrumada moradia.

A um Maio de 1927, em Sirigão, no pagode de Leirai, a divindade predilecta dos bramanes adoradores do fogo, devia realizar-se uma grande festa, para a qual se esperavam numerosos peregrinos estrangeiros.

Tôda a cautela era pouca. Fazia-se míster relacionar, examinar e identificar êsses forasteiros, desinfectando ao mesmo tempo os objectos do seu uso pessoal.

Foi nessa ocasião, que tive o ensejo de ver, neste rincão do Malabar, uma das raras reminescências do Hinduismo védico, o culto de Agni, a ígnea divindade cantada nos livros sagrados da Índia.

Pouco antes do despontar da alvorada um barquito a remos fendia as águas tranqüilas de um pequeno rio, transportando-nos para as terras da gentilidade.

Era um alvorecer festivo, dourando a fimbria das montanhas, que para as bandas dos nascente parecem embargar passagem para o coração do Hindustão envôlto em mistério.

A superfície estanhada dêsse Ganges em miniatura parecia refletir figuras estranhas de um mundo desconhecido. A minha imaginação, encandecida pela fantasia mitológica, pintava, naquele riacho espelhado, visões fugidias sem conta. Aqui, bem perto da canôa, surgia inopinadamente um bando de *Apsaras* esquivas, dançando em volta de uma pira gigantesca, perseguidas por Gandarvas amorosos a dedilharem *saranguís* de ouro, de cujas cordas pareciam arrancar as notas harmoniosas duma sinfonia imaginária. Acolá, era um grupo deslumbrador de exóticos personagens a reluzir ouro e pedrarias, não se sabendo se eram as refulgentes imagens dos moradores da celestial *Kailasa*, ou se rajás agaloados e cravejados de raras preciosidades,num conciliábulo faustuoso e ofuscante, em atitude de adoração à deusa do fogo.

E, enquanto os sentidos, em hiper-acuidade dinâmica, davam largas à fantasia, novas miragens, que a imaginação criava sem cessar, vinham juntar-se às que desapareciam da mente, sumindo-se bruscamente como o fumo da mentira.

Era um nunca acabar de alucinações êsse rápido perpassar de miragens matinais, umas alegres e harmoniosas, outras macabras e de imagem invertida, qual visão esterescópica de um caleidescópio exótico.

Foi, no transcurso dum dêsses filmes exotéricos, que o choque prosaico do barquito de encontro às pedras dum cais tôsco e desconjuntado, actuou na minha imaginação como um mágico calmante de neurónios destemperados. A realidade das coisas reocupou o lugar, de que a fantasia se apossára, e por entre a algaravia dos barqueiros, pedindo os naulos de passagem, aos meus ouvidos, já livres de sons fantásticos, chegaram os écos longínquos dum côro rude de vozes masculinas.

Era o canto gutural dos *agnihôtris*, entoando os *mantras* védicos em honra de Leirai, a divindade tutelar do pagode em festa.

Mal desembarcados na margem oposta deparou-se-nos um cenário tìpicamente hindú. Tive a impressão de recuar dezenas de séculos. Alguns bramanes, semi-nús, imersos na água do rio, com a face voltada para o nascente, estavam a fazer as abluções matinais do ritual, recitando o *mantra* de saüdação a Suria, o astro divino que despontava.

Assim devia ter sido nos tempos primitivos, quando os *agnihôtris* saüdavam o sol nas margens dos 7 rios santos da Sapta-Shindú dos Aryas. Hoje, como há séculos atrás, o binduismo, imobilizado pela narcose religiosa, reza os mesmas *mantras* e recita as mesmas *múdras*.

O que eu acabava de ver era uma cena em miniatura do panorama, que habitualmente se desenrola ante a nossa vista, ao nascer do sol, nos terrados de Benares.

A frescura dessa manhã sem névoa convidava-nos ao movimento.

Médicos, enfermeiros e polícias puzemo-nos a caminho, por termos que percorrer alguns centos de metros para chegarmos ao recinto do pagode.

Foi quási ao meio dia e quando estávamos todos a postos, é que foi dada permissão para a repleção dos tanques de abluções, e para o ingresso dos peregrinos penitentes.

O tanque das abluções rituais é um acessório tão necessário a uma *diula* (pagode), como a pia da água benta o é num templo cristão, com a diferença de que a água duma pia cristã é usada sòmente para molhar os sinais da persignação, ao passo que num tanque hindú ela serve para tudo. É água potável, é água para abluções, para banhos e até serve de veículo dos resíduos orgânicos.

O curto intervalo de duas horas, mediando entre a improvisão dos postos e o comêço da faina profiláxica, aproveitei-o para examinar de perto o templo e as suas dependências. Num pequeno bosque anexo, recanto aprazível onde um massiço de arequeiras e doutras árvores frutíferas, regadas por veios hídricos trazidas em canais de terra amassada, e dois tanques de água dôce, abrandavam a torreira tropical de Maio, o mês mais quente na Índia.

Era um contraste o dêsse pagode, onde se venera o fogo, erigido no meio dum ambiente de frescura e de verdura, qual parcela da *éternelle nuit verte, de Loti*, transportada para êste rincão do ocidente hindustânico.

Enquanto os tanques se enchiam, o suave murmúrio da água veiculada em calhas, jorrando continuamente de um montículo densamente arborizado, e a deliciosa fragrância da atmosfera perfumada dos arecais em flôr, entorpeciam-me os sentidos. À exaltação provocada pelo calor sufocante, gerador de miragens e de obnubilações, sucedera o turpôr sonolento, que só no ambiente fresco e aromatizado de um arecal indiano se pode desfrutar.

Foi neste estado de espírito que uma algazarra ensurdecedora, despertando-me abruptamente, desfez por completo os devaneios que embalavam a minha imaginação em meia narcose. Era a realidade das coisas que chegava aos meus ouvidos. Um bando de *donds* fanáticos, procedentes de terras ortodoxamente gentílicas, pretendia penetrar, à viva fôrça, no cercado do pagode, sem se deixar relacionar, nem observar.

Dirigi-me sem demora ao local da disputa, em via de degenerar numa escaramuça violenta. Eram nada menos de quinhentos possessos armados de longos juncos entrelaçados, tendo as cabeças ornadas de flôres silvestres encaixadas entre as tranças dos *xendís*, com o corpo sarapintado de sinais cabalísticos, e cujo vestuário consistia em dois grandes lenços vermelhos, um sôbre as costas e o outro na frente, cobrindo a bacia e as côxas, à laia de um langotim. Foi com muita dificuldade que consegui calmar aquela horda de desvairados, que, só ameaçados com o calabouço, se dispuzeram a ser relacionados e examinados.

Foi ao pôr do sol que terminou a tarefa sanitária. Era então, nessa hora crepuscular, quando o astro do dia, o maior facho de fogo, ia desaparecer imerso no reino líquido de Varuna, que a festa em honra de Agni devia principiar.

No vasto recinto fronteiro à *diula* de Leirai, uma gigantesca pira de grossos madeiros erguia-se alterosa, como se o fôsse para o *satti* (cremação hindú) de algum rajá poderoso. Não tinha porém qualquer objectivo funerário êsse imponente amontoado de troncos tôscos, que à meia noite ficaram reduzidos a carvões incandescentes, sôbre os quais, por entre o canto dos *agnihôtris* e as danças das *devadassis*, saltariam os *donds* fanáticos.

Logo a seguir ao ocaso, mal o poente em fogo ia perdendo os seus tons rubro-ígneos, uma pancada de gong anunciava aos devotos o início do cerimonial. Os *bottos*, acompanhados dos servidores do pagode e do bando dos penitentes, foram os primeiros a se acercarem dos tanques já repletos para as abluções rituais.

As águas tranqüilas e límpidas até então, tornaram-se logo revoltas e turvas com os saltos e os mergulhos dos tresloucados, que as bebiam em longos haustos, nadando, mergulhando-se e turvando-as.

Desde êsse momento nunca mais tiveram elas um instante de repouso. À medida que a noite ia adensando as trevas, o número de peregrinos ia-se avolumando e com êles a agitação e a imundície das águas dos tanques, cuja paulatina renovação não se fazia proporcionalmente às crescentes turvações e inquinações.

E enquanto o frenesi dos haustos e saltos progredia num crescendo de delírio, ao longe junto da *diula* iluminada à *giorno*, a vozearia dos penitentes tão alto se erguia em tonalidade, que chegava às vezes a abafar a música ensurdecedora dos pifanos, cimbales, trombetas, tamburins, murdangas e *saranguis*.

Às nove horas da noite um formidável retenido de gong impunha silêncio à horda desvairada dos alucinados penitentes. Avisinhava-se o momento culminante da festa. Os *agnihôtris*, *mazanes*, *mahants* e todo o corpo de baile das *devadassis*, acompanhados dos *gaicas* e doutros serventuários do templo, empunhando brandões acêsos, acercavam-se da pira e após as recitações rituais dos *agnimantras*, alternadas com os cânticos das bailadeiras, lançou-se fogo à pira, cuja incineção era activada pela aspersão de óleos igníferos em abundância.

Se até então a exacerbação dos sentidos era a conseqüência de uma hiperacusia derivada dos ruidos em demasia, desde que as gigantescas línguas de fogo afugentaram as trevas das regiões altas do ambiente festivo, a visão dantesca do inferno na terra tornou-se perfeita. E o colossal amontoado de lenha transformou-se num formidável brazeiro, cujo calor tornou-se insuportável, mesmo à distância de algumas dezenas de metros.

O crepitar sinistro da madeira a carbonizar-se, a intensíssima irradiação térmica e as espessas núvens de fumaça, tornando irrespirável o ar tórrido e impregnado de vapores tóxicos, afugentaram das imediações da pira os mais tresloucados peregrinos.

Todo êsse cenário lusbélico de fogo, da vozearia e de fumaça durou até à meia noite.

No decurso de três horas a atmosfera circunvisinha esteve densamente impregnada de calor, de ruidos estridentes e de emanações intoxicantes.

Finda a derrocada dos troncos em ignição, cujo fragôr fôra anunciado pelo recrudescimento passageiro da hipertermia e da fumaça, a temperatura tornou-se gradualmente mais suportável nas proximidades do ígneo altar da deusa do fogo, e permitiu a aproximação dos *donds* para um dos objectivos da festa, o salto na fogueira. Viu-se então um espectáculo único no género. Dezenas de penitentes a escorrerem água, correndo vertiginosamente, saltavam sôbre as brazas dispersas em montículos rubros.

De comêço, enquanto os carvões estavam no auge da ignescência, era relativamente diminuto o número dos piedosos saltantes. Mas, à medida que as brazas iam arrefecendo, em conseqüência do resfriamento natural e sobretudo molhadas com a água escorrida dos pés dos mais audaciosos iniciantes, a quantidade dos penitentes aumentava progressivamente.

Em pouco tempo aquela multidão de mais de um milhar de *donds*, lograra apagar por completo a grande fogueira, que jazia aos seus pés reduzida a carvões escuros, sem calor nem vida.

A festa da deusa do fogo estava para findar. E por isso ia entrar em cena, nesse palco tragi-cómico, o derradeiro número de programa, a dansa das *devadassis*.

Não estavam ainda extintas as últimas brazas da pira desmoronada, e eis que a um outro retinido do gong, se fez um silêncio completo. Decorridos poucos minutos, um grupo de bailadeiras, seguidas dos inseparáveis *gaicas*, assomou no limiar da porta de entrada da *diula* em festa.

Cessou a vozearia áspera e ensurdecedora dos peregrinos, devotos e curiosos, calaram-se os *bôtos* e outros declamadores guturais dos *mantras*, emudeceu tudo perante a aparição das *apsaras* incarnadas em corpos de mulheres.

Era a vez das Terpsichores hindús, surgindo banhadas da luz multiculôr dos fogos de Bengala e perfumadas com os aromas capitosos das flôres dos trópicos. Deviam ser quinze as divas pagãs, que nessa noite de mistério e de folia, iam dansar em honra de Agni ao som dos acordes dos *saranguis*, das murdangas e doutros instrumentos musicais tocados por outros tantos *gaicas*. A afinação instrumental foi obra de breves instantes, e sem detença principiou o dedilhar rápido dos *saranguis*, acompanhado dum discreto tamburilar das murdangas.

Era o ensaio do *leit-motif* da partitura, que de quando em quando ressoaria nos nossos tímpanos, como a evocação periódica do argumento musical dêsse festival de arte.

Poucos minutos seriam decorridos, e eis que todo o corpo de baile, em fila, tendo no centro a bailadeira mais clara e de plástica impecável, avançou silencioso ao compasso dos toques em surdina para o meio do recinto desocupado.

Vestiam vistosos *saris* de sêda transparente, bordados a oiro e prata, tendo a cabeça enfeitada de flôres e de jóias orientais, bem como o pescoço e o peito.

A tenuidade do tecido dos artísticos panos, que as cobriam, deixava perceber os contornos dos seus corpos afeitos à arte coreográfica. Os braços ataviados de escravas de ouro, os pulsos e os tornozelos com manilhas de metais preciosos completavam a indumentária.

E por fim, como adornos complementares de subido valor, reluziam os *nôts*, encantadoras jóias cravejadas de pedras preciosas, os brincos das orelhas e os anéis dos dedos das mãos e dos pés.

Assim trajadas e ataviadas avançaram as bailadeiras a passo miudo, tenindo discretamente os guisos dos pés. Separaram-se a seguir em dois grupos de sete dansarinas cada um, colocando-se entre elas Menaca, a mais bela de tôdas.

Com excepção de cinco sòmente, as restantes *devadassis*, incluindo aquela que tinha o nome da lendária *apsara*, eram vindas de longínquas paragens indo-britânicas para cumprirem na *diula* de Sirigão alguma promessa, dançando em honra de Leirai, a divindade tutelar daquele pagode.

Assim postadas, ao som dos *saranguis* dedilhados em tom baixo, Menaca, a rainha do baile, posando-se em atitudes hieràticas das dansas clássicas dos tempos védicos, ergueu a sua bela voz, alta e sonora, e entoou um hino purânico ao fogo purificador.

Silenciadas as modulações finais do seu cântico mavioso as duas alas de dansarinas, retinindo com fôrça os guisos e as pulseiras, avançaram cantando e executando um bailado tìpicamente hindú.

Aos acordes de um *launim* que crescera em tonalidade, mas sem a obscenidade na gesticulação nem atitudes provocantes, o bailado dansado por aquelas *devadassis* era um conjunto harmonioso de gestos sóbrios e expressivos e de poses plásticas, destituído de saracoteiros lascivos. As filas das beldades bailantes, com o acompanhamento musical dos *gaicas*, dispostas uma em frente da outra, avançavam e recuavam, cantando em côro e fazendo tinir de vez em quando os adornos dos artelhos.

Era uma dansa expressiva que simbolizava qualquer tema da mitologia hindustânica, cuja animação ia num crescendo gradualmente cadenciado.

E, enquanto durou o bailado das catorse *devadassis*, com a sua inconfundível quinesia coreográfica, manteve-se quêda a *vera Terpsichore*, qual Isadora oriental, mirando as suas discípulas, cujas pantomimas deviam ser as mesmas, como nas eras lendárias de Sita e Savitri.

As suas atitudes extáticas, em que as poses hieráticas se sucediam com lentidão e arte, davam a fugidia visão de que teriam sido as dansas maravilhosas da Menaca do Ramaiamá. Eu tive naquele momento a impressão de ver nessa bailadeira escultural e formosa uma *avatara* da mitológica dansarina cantada por Valmiki.

Era uma estátua grega em mármore pentélico, queimada pelo sol do trópico, na atitude de alguma *apsara*, procurando por entre os devaneios da arte plástica, e para além da realidade das coisas, o *gandarva* eleito do seu coração. O festival estava para terminar, a música baixara de tom, os guisos retiniam com menor ruído e à movimentação rápida da *dulpota*, sucedera um ritmo harmònicamente compassado de movimentos e de gestos. Ao mesmo tempo que o corpo de baile ia suavizando a tonalidade do seu canto, a *devadassi* por excelência, animava-se paulatinamente e preparava-se para dansar o bailado simbólico da festa.

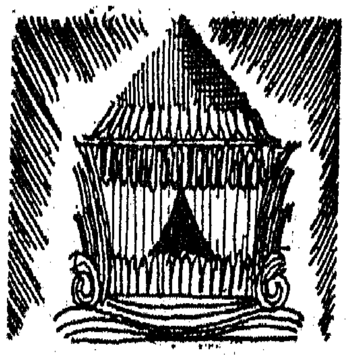
É dificílimo pintar ao real, dando-lhe vida e colorido, a dansa de fogo nas *Satis* doutras eras, em que as esposas iam noivar na mansão do além com os conjuges falecidos, queimando-se vivas nas piras funerárias, onde eram incinerados os cadáveres dos seus bem-amados.

Foi um bailado macabro de uma beleza artística sem par, expressando por atitudes plásticas e poses coreográficas, tôda a gama de emoções que uma débil criatura deve sentir no momento solene do seu sacrifício máximo.

A linguagem do gesto traduzia perfeitamente a luta medonha entre o espírito de conservação, a procurar manter a vida, e o pêso da tradição a forçar a sua volatilização ígnea.

Êste venceu por fim. A vítima personificada pela bela *devadassi* tombou sôbre os carvões igniscentes. E com o último requebro do corpo escultural de Menaca desfalecida evolou-se, para as altas regiões do sonho e da fantasia, a derradeira espiral do fumo da pira de Agni.

Nova-Goa, Maio de 1934.



G E R M A N O   C O R R E I A

VISÃO DA ÍNDIA

Estavamos em pleno Oceano Índico e era ao pôr do sol: na nossa frente ao longe, sôbre o horizonte, o céu acabava de tingir-se das mais vivas côres, subtis nas gradações, radiantes no conjunto, um mixto de arte e maravilha que a paleta em vão tentaria imitar.

Clarões afogueados, rubros, desprendiam-se do mar iluminando o céu em chuveiros de luz, e raios de ouro coando-se pelas tintas do topázio, desfaziam-se em mil cambiantes desde a esmeralda à turquesa, envoltos numa claridade ténue e opalina a perder-se no vasto azul.

As côres tinham vida e movimento porque se transformavam, fundiam-se, casavam-se continuamente, cantando um hino imenso em notas de divina luz.

O céu resplandecia como nunca o vemos senão naquelas paisagens do Oriente e, durante algum tempo, quedei-me ali, de encontro à amurada na contemplação daquele poema criador.

O sol a descer ia arrastando o manto refulgente da sua glória luminosa, como se a Natureza quizesse acompanhar de fausto inimitável, as galas de fantasias dos costumes orientais.

. . . .

No dia seguinte estava o Adamastor fundeado em frente do palácio do Sultão de Zanzibar.

Em terra corria a festa índia do Divali, — o ano novo.

As ruas estreitíssimas, as casas decrépitas mostrando uma riqueza gasta na talha das portas a cairem de caruncho, deixam-nos uma impres-

são de abandono difícil de traduzir, e em que apenas se fixa o aroma do cravinho armazenado para exportação.

Além duma boa entrada bordada de campos de *sport* salpicados de ingleses, respirava-se uma atmosfera indo-árabe naquele labirinto de vielas onde se veem mesquitas pobres e, em noites de festa, cênas ricas de coloridos novos e retintamente orientais.

Entremos na casa do nosso conhecido Choitram, anafado burguês indiano que recebe os seus hóspedes na grande loja armada com panos, tapetes e mobília vistosa, e recheiada como um armazém de curiosidades.

Grandes espaldares vermelhos com estofos dourados, aguardam os visitantes a quem se oferece chá e refrescos, enquanto um índio nos esparge com água perfumada.

À saída, oferece-nos um lenço com perfumes, o que tem um nome especial, de que não me recordo e, agradecidas as atenções do índio poliglota e já mesclado de hábitos europeus, passamos pela porta enfeitada com flores e lanternas, onde os garotos nos espreitam com curiosidade.

Vamo-nos entranhando no dédalo em volta da rua do Mercado, e caso curioso, encontra-se no mesmo bairro, uma rua importante, chamada *Portuguese Street*, restos da nossa passada grandeza.

As ruas animam-se com um movimento extraordinário, e das portas, de par em par, a luz eléctrica espalha-se a jorros sôbre a multidão que passa silenciosa e lenta, num gesto de impassibilidade, a contemplar os estabelecimentos caprichosamente enfeitados.

As decorações têm um aspecto, um cunho tão especial, da Índia, que não nos seria a nós fácil reproduzi-las.

Pendem das paredes panos de côres variegadas, quadros de deuses com várias cabeças, ou príncipes que parecem enamorados das mais poéticas beldades; há objectos que se expõem, festões de flôres, renques de luzes, e em cadeiras ou recostados nuns grandes divans, espécie de catres com estofos purpurinos, poisam índios nédios, reluzentes, de fatos extravagantes, mixto de europeu e indiano, estáticos como Budhas, numa meditação permanente e comendo amendoim.

Mais além, num recanto da rua, um vendilhão não tem mãos a medir com a aréca e o betél que aquela gente, de dentes vermelhos, se entretém a mascar.

A uma porta, um índio de turbante e acocorado, olhos fixos e semblante cismador, toca um instrumento de sons estrídulos, enquanto outro músico em frente dêle, usando as mesmas vestes estranhas e com o mesmo ar de mistério, o acompanha num tambor que é soturno de ouvir.

Aquela música prolonga-se, prolonga-se indefinidamente, num motivo triste como uma cadeia de queixumes onde as notas se requebram e repetem na mesma cadência repisada, fazendo lembrar um cântico ou uma invocação.

Enerva-me, quero fugir dali mas, não sei porquê, sinto-me preso como dum encantamento!

E vou vendo as lojas, as casas cheias de índios, verdadeiras reüniões de famílias onde transparece uma felicidade silenciosa e simples, íntima mas exposta à vista de quem passa.

As visitas entram a miúdo, fazendo reverências, apertando as mãos, e sentam-se; oferecem-lhes pequenos doces em bandejas, espargem-nas com águas de rosas em perfumadores de prata, trocam as suas impressões em palavras que quási não fazem ruído, até que saem tão cheias de satisfação e indecifráveis como as vira entrar.

Caminho, caminho sempre, e as côres mirabolantes das ornamentações, os trajos exóticos, tudo aquilo tão cheio de luz num recinto apertado, quási me faz vertigens, ao passo que nos ouvidos me vai retinindo a melopeia estranha daquela música que me irrita e me faz pena.

O labirinto das ruas parece não ter fim; a meu lado, uma creancita de olhitos espantados e barrete de veludo vivo, cheio de lantejoulas, encosta-se ao ombro da mãe que usa uma espécie de *sarão* vermelho a tiracolo, brincos vários nas orelhas e um, de forma especial, com pedras, no nariz.

As mulheres do povo brilham pouco, não são atraentes, e parece que as outras se excluem dos recintos iluminados onde se recebem as visitas.

Prolonga-se a festa, e tôda aquela gente desfila ante mim, transbordando satisfação mas sem a exteriorizar numa palavra mais alta, num grito, num canto de alegria.

Que sentir aquele tão diferente!

Convidam-me, e entro numa loja.

Sento-me; a meu lado, um inglês come amendoim que também me oferecem, e sinto-me tão alheio que, em lugar de trocar impressões sôbre as festas, ponho-me a apressar qualquer coisa, mas um índio a sorrir, com uma placidez nirvânica diz-me:

— *I am sorry, sir, is holiday!* (Tenho pena, senhor, mas é feriado!)

Continúo, sòsinho, percorrendo as ruas, agora mais pobres; são mercadores de panos ou esteiras, em casas esquisitas com portas negras gradeadas, onde nalgumas se veem luzes amarelentas a iluminarem pobres exposições de chitas desdobradas mostrando desenhos irritantes e de gôsto selvagem; e, por tôda a parte, a mesma atmosfera calma de contentamento numa expansão quási muda mas de que não se faz recato, antes se aspira à comunidade do prazer.

Até um pobríssimo sapateiro, que noutra parte seria a escória das escórias dos vãos de escada, ostenta tôda a sua miséria escancarada para a rua, e alumiada por duas lamparinas de petróleo!

Voltei, e no regresso, perdi-me no labirinto das ruelas iluminadas. Por fim, retomei o caminho através da cidade, e ao recolher a bordo, puz-me a pensar se tudo aquilo, aquela embriaguês de luz, de côres e de ambiente, aqueles velhos de longas barbas e turbantes, envoltos em panos brancos e presidindo às famílias numa meditação só distraída pelo fumo do cachimbo, se tudo aquilo não passaria de um sonho, um pesadelo, uma visão!

Era uma visão sim, embora mesquinha comparada com o esplendor daquela terra de lendas e mistério onde vivem os Rajás. — Era a visão da Índia que eu tive defronte!

JAIME DO INSO

ÍNDIA

LEGENDAS DAS GRAVURAS

1 — Lápide existente no interior da capela de Santa Catarina, junto à porta da sacristia em Velha Gôa.

2 — Velha Gôa — Púlpito da igreja (Convento de S. Caetano)

3 — Túmulo de S. Francisco Xavier (Bom Jesus)

4 — Púlpito da igreja (S. Francisco de Assis)

5 — Palanquim

6 — Sala das Sessões do Conselho do Govêrno

7 — Fortaleza de Ormuz

8 — Pintura mural num pagode de Sirodá representando o episódio do Mahabharáta «Samudra-Manthána»

9 — Interior do pagode de Sirodá

10 — Pagode de Mulgão

11 — Pagode de Queulá

12 — Bailadeiras

13 — Uma hindú enfeitada de jóias

14 — Rôth (carro processional) dos ourives indús

15 — Dessais de Verém com a sua comitiva

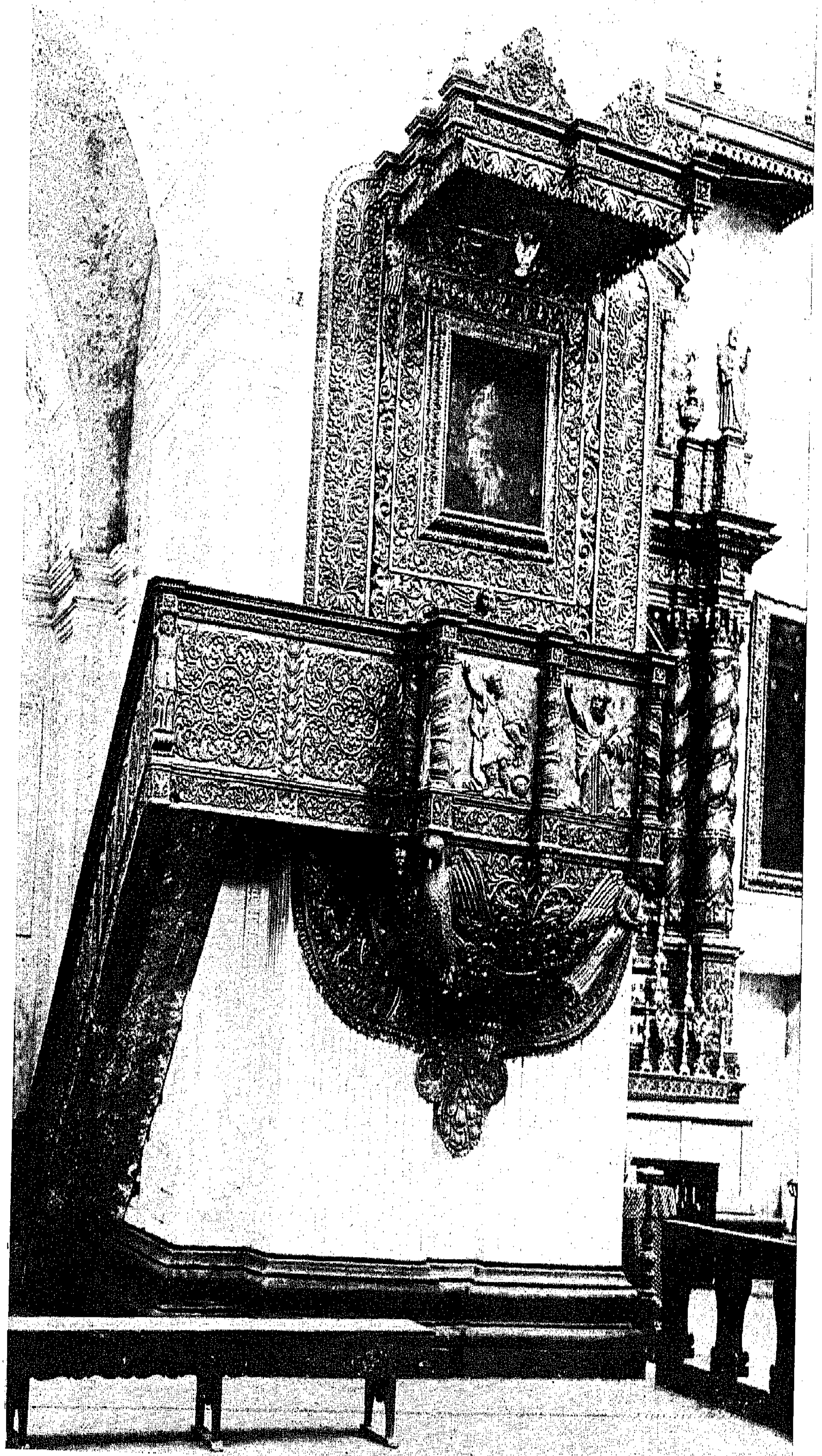
16 — Ourives indús

17 — Descasque do côco

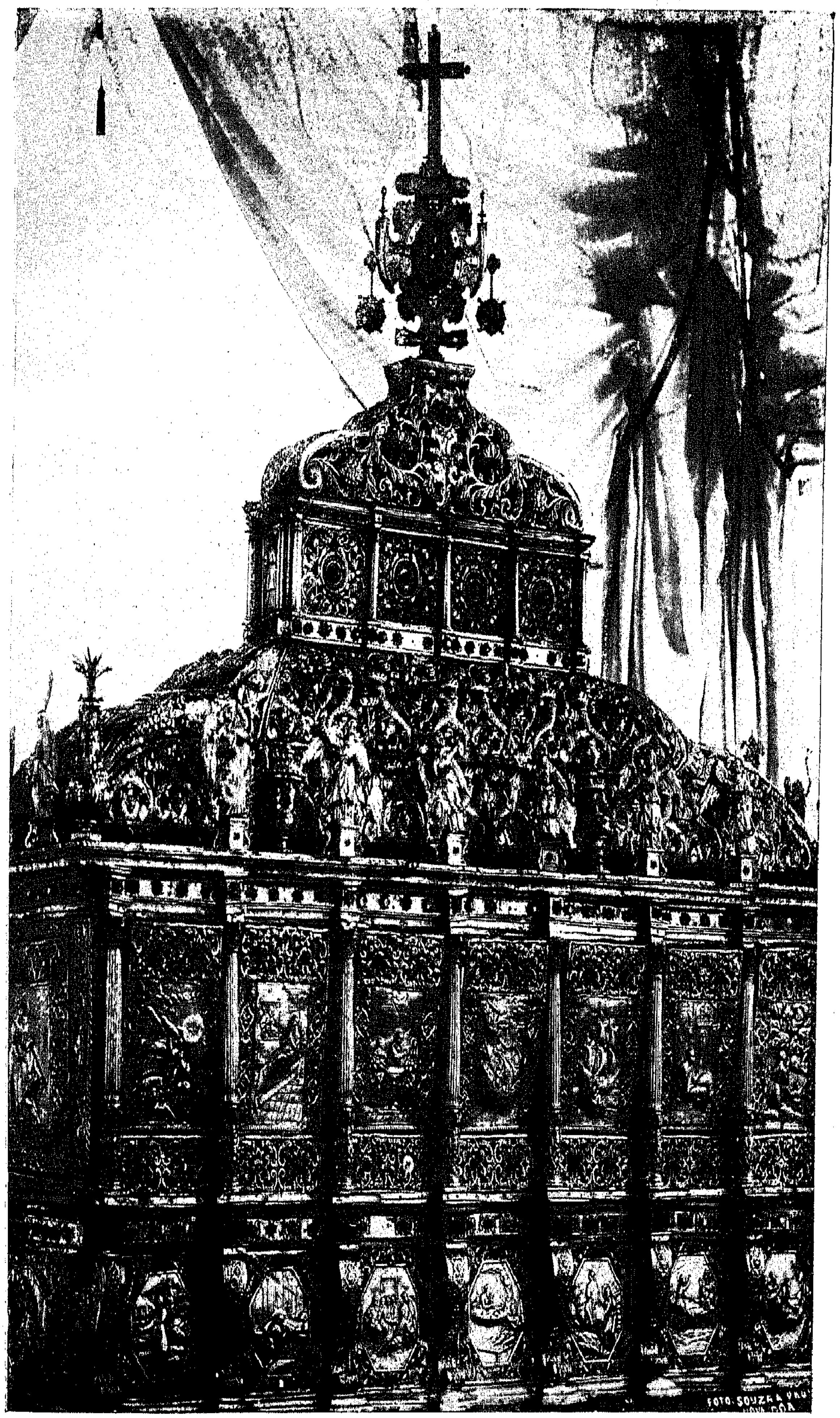
18 — Venda de artigos de olaria indígena

19 — Cerimónia de casamento da Planta de Tulôss

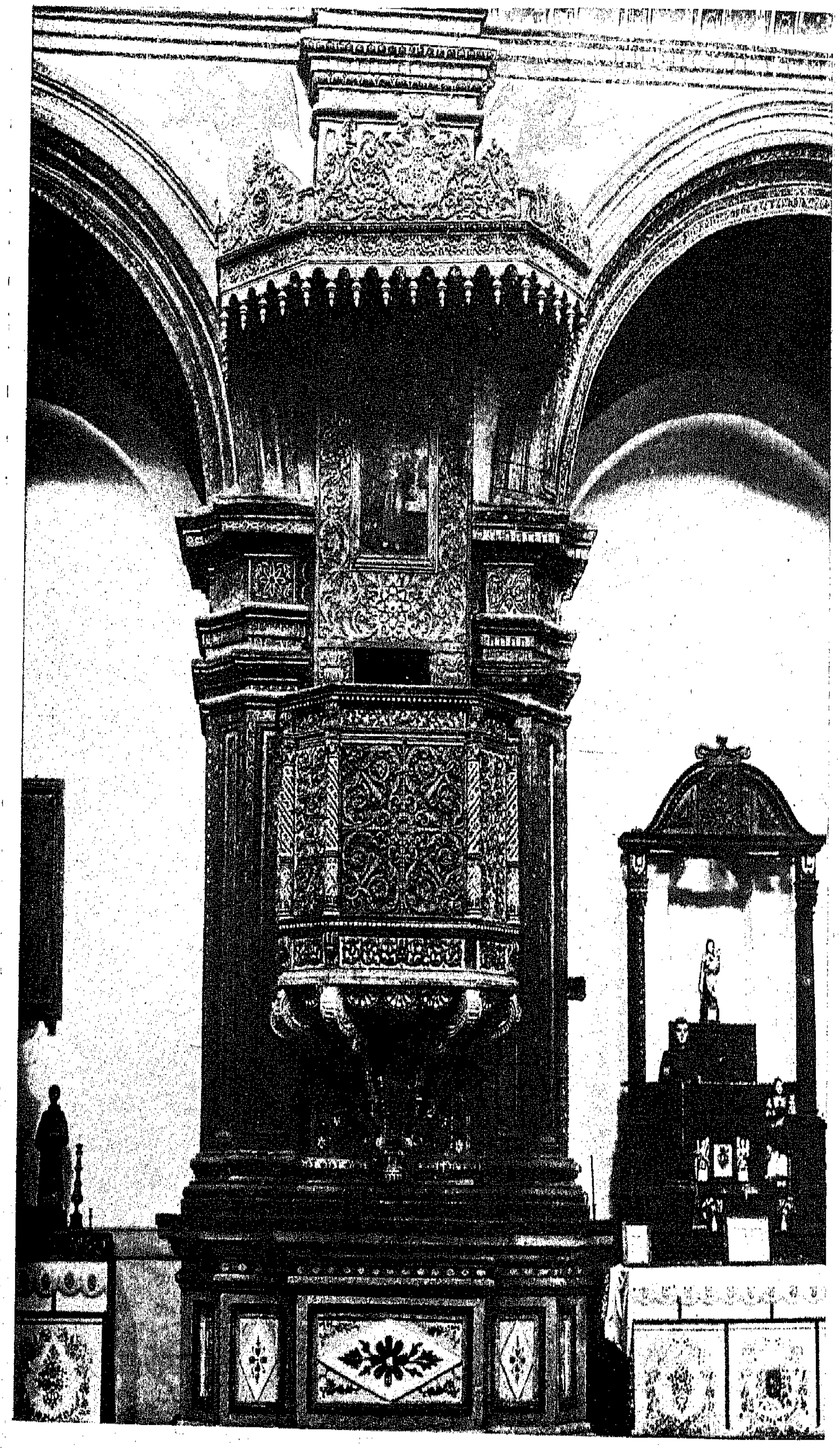
PORESTAPORTA
ENTROVDOMIOAO
DECASTRODEFENSO
RDAINDIAQVAND
OTRIVNFOVDECA
MBAYAETODOEST
EMVROLHEFOIDER
VBA·DO·ERA·DE·1547·A



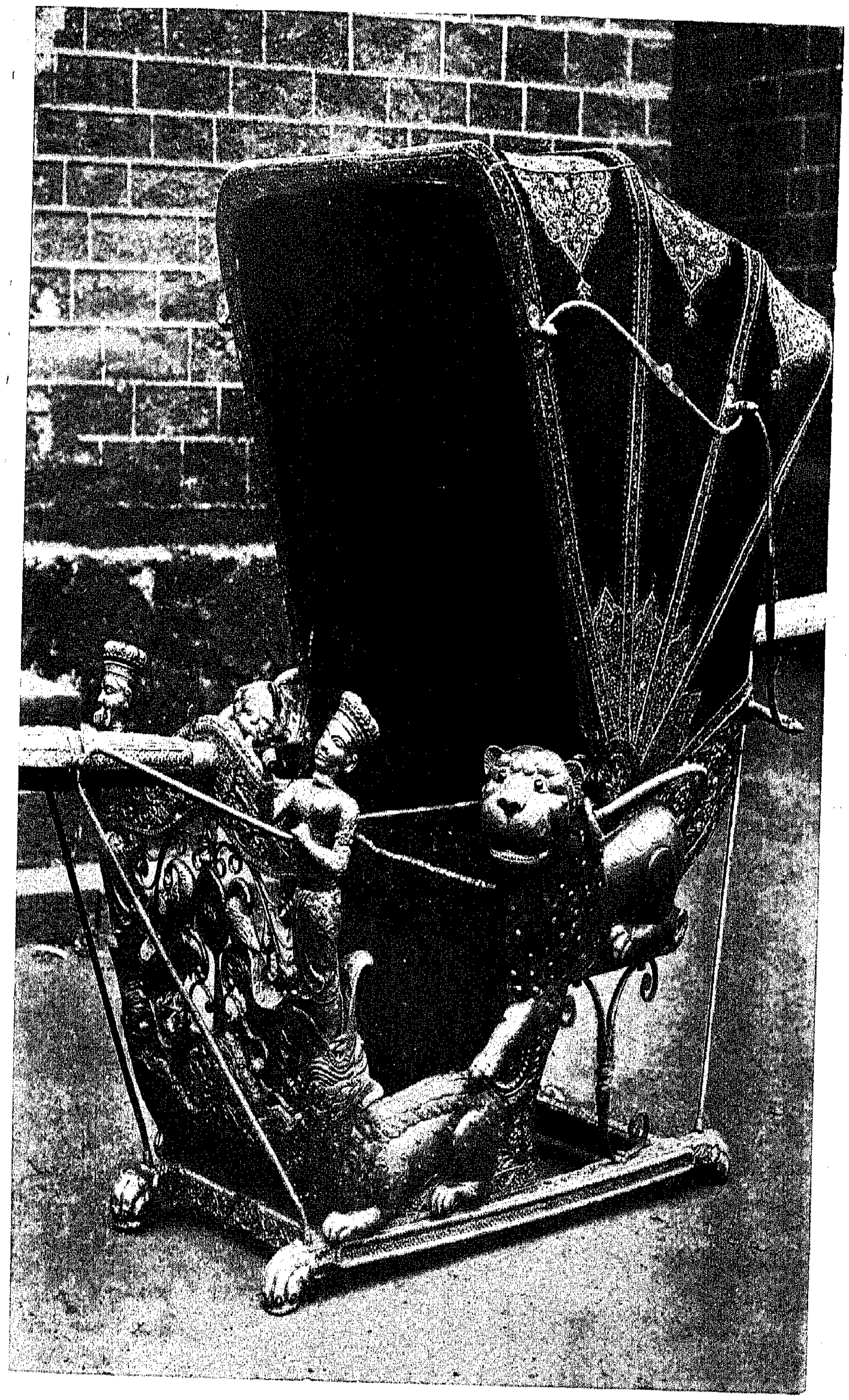
2



3

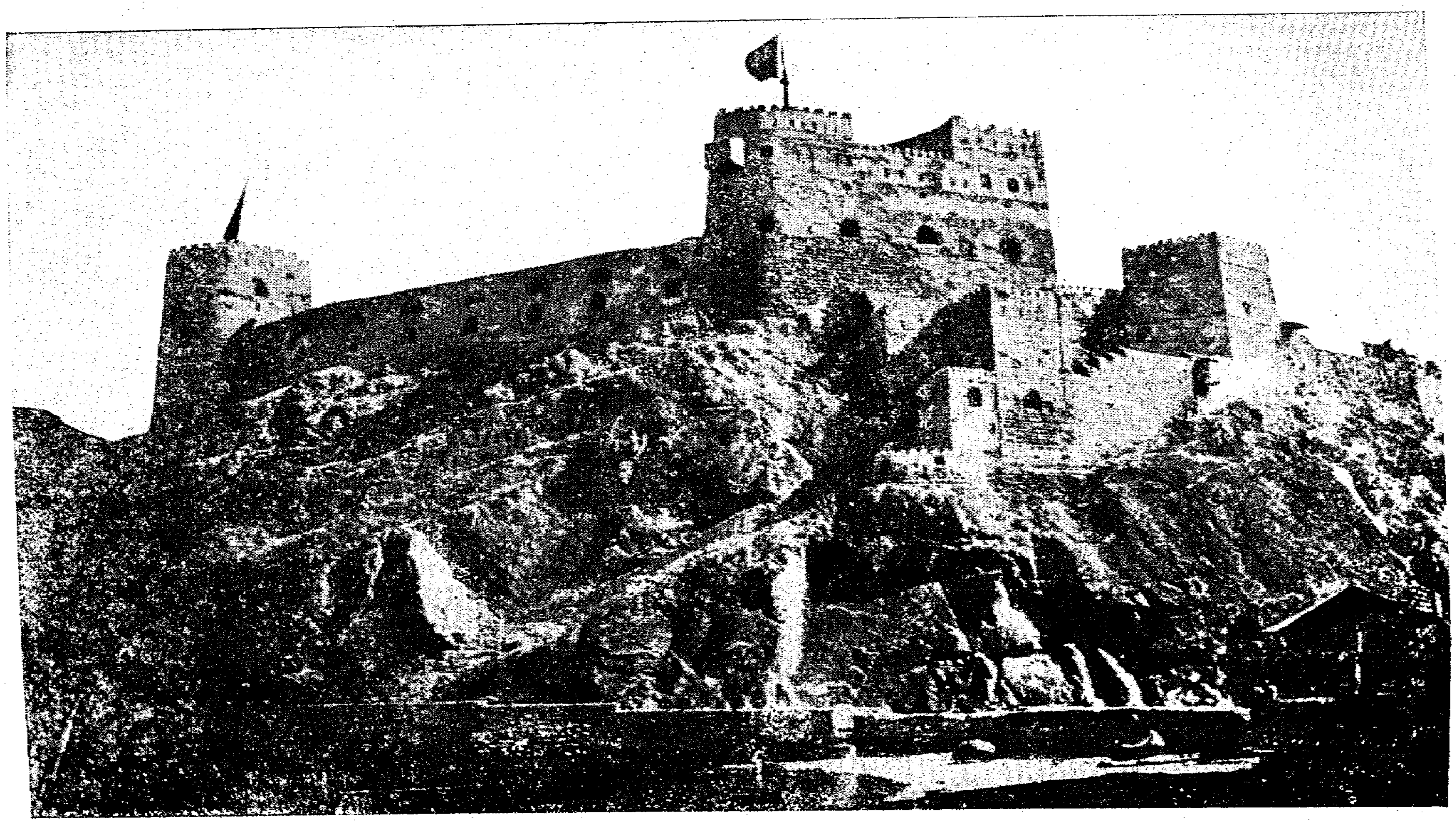


4

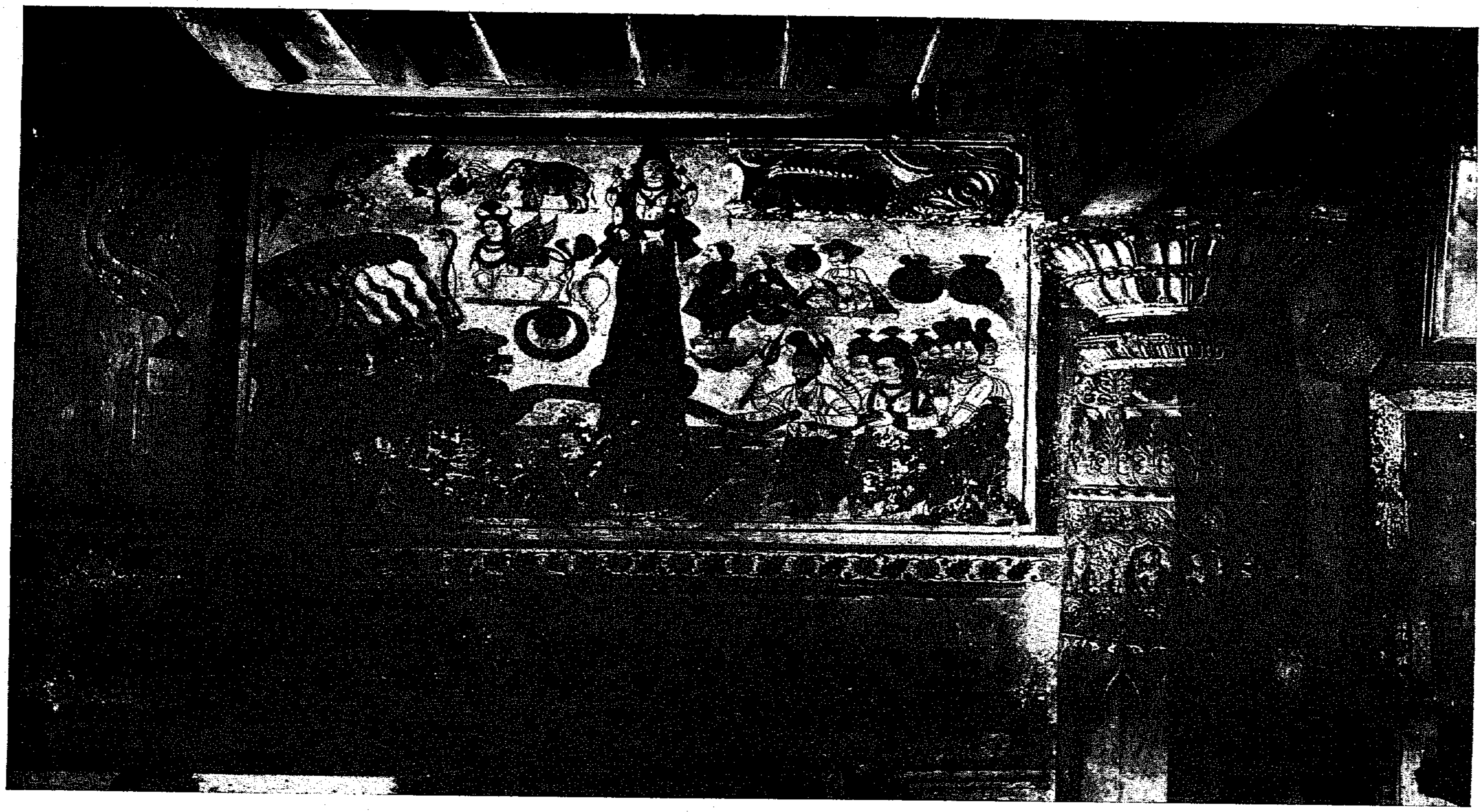


5

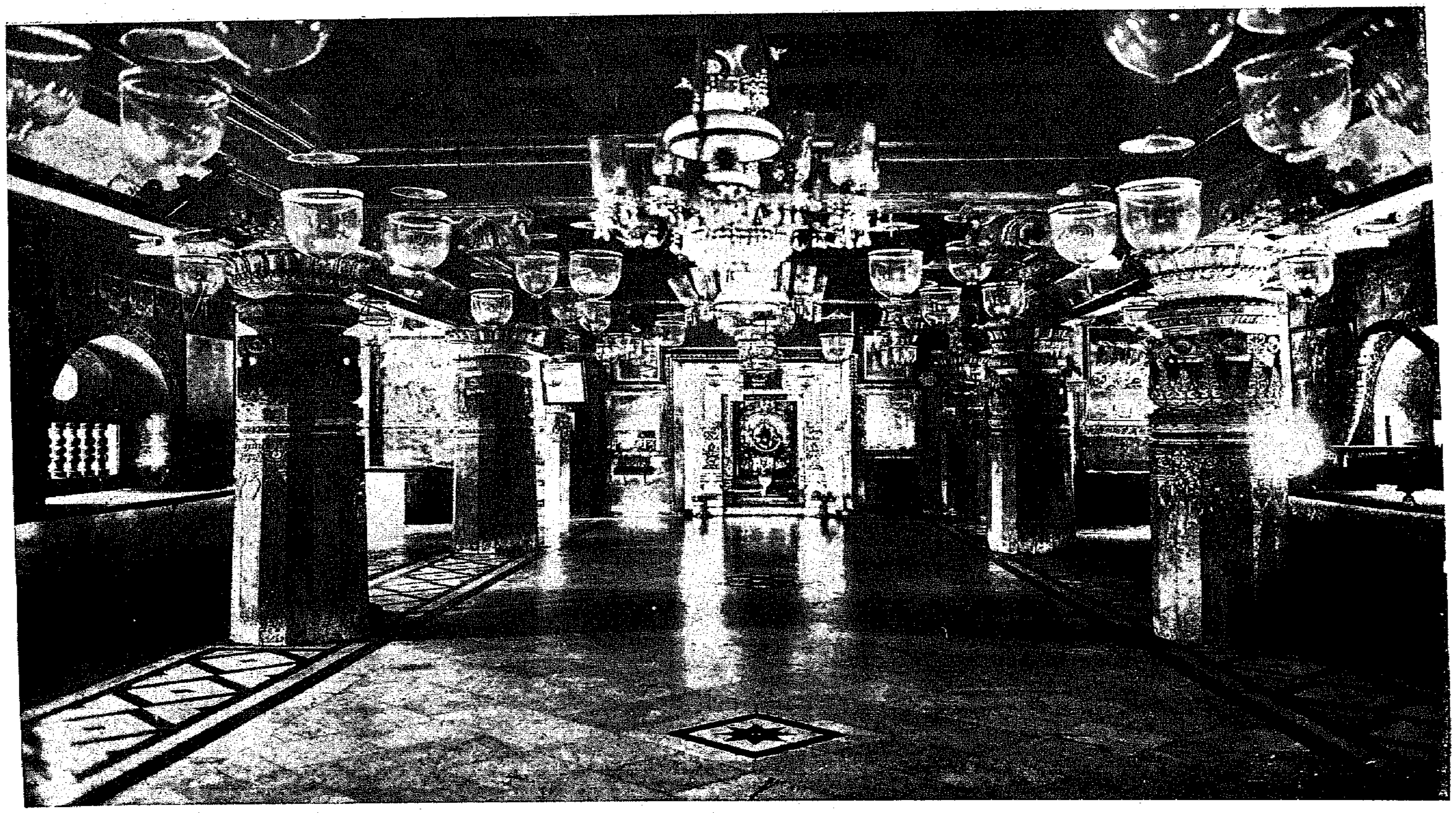
6



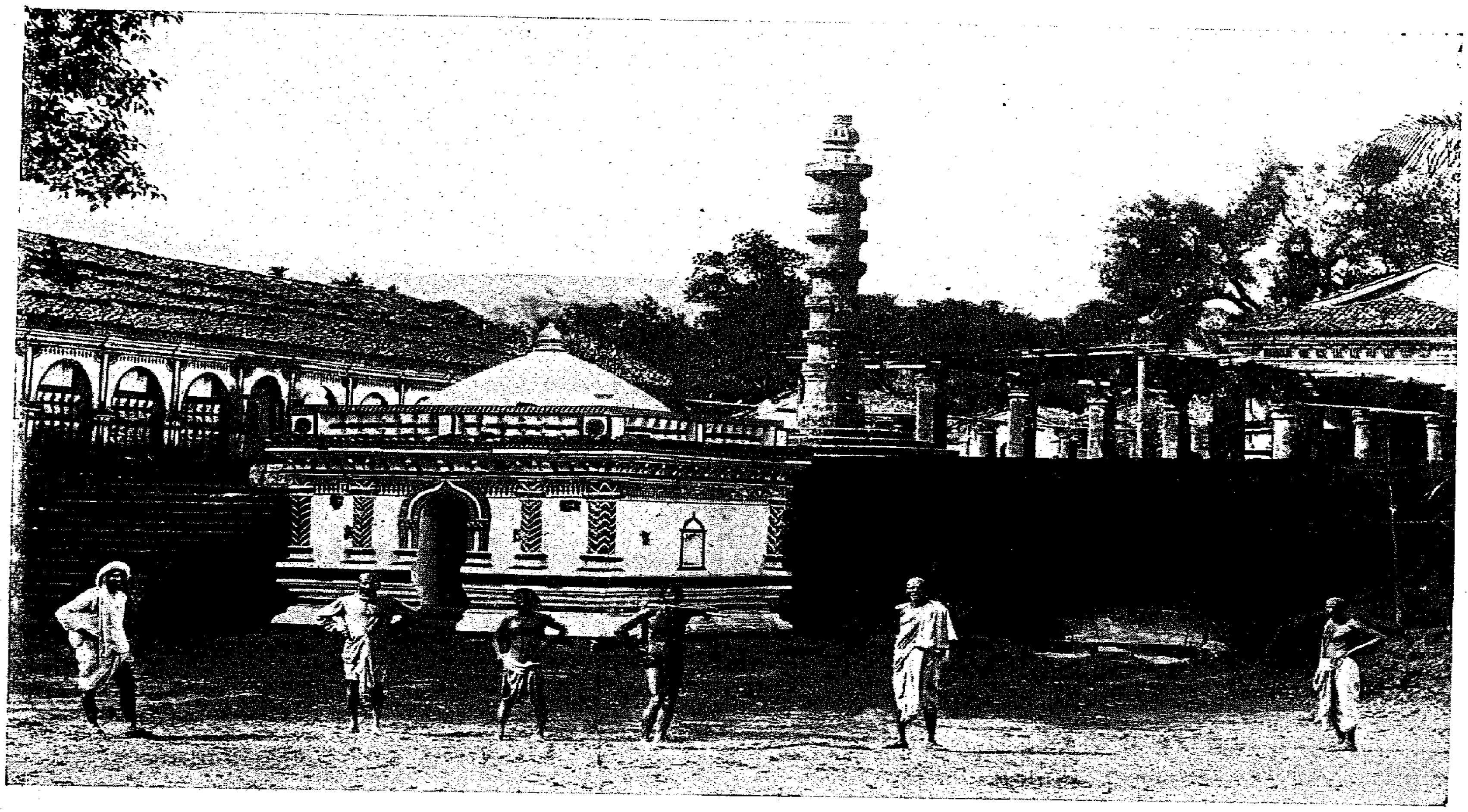
7



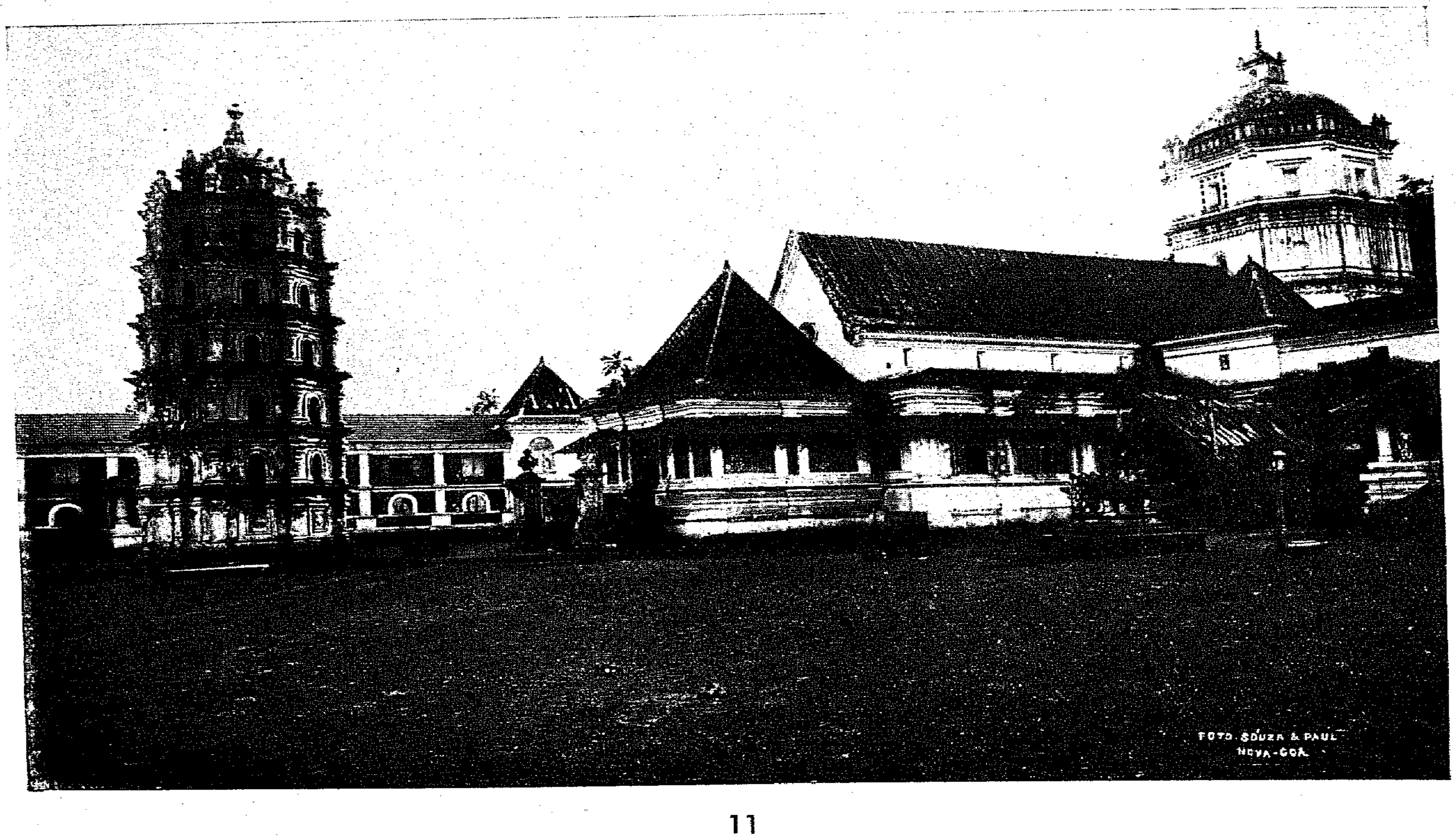
8



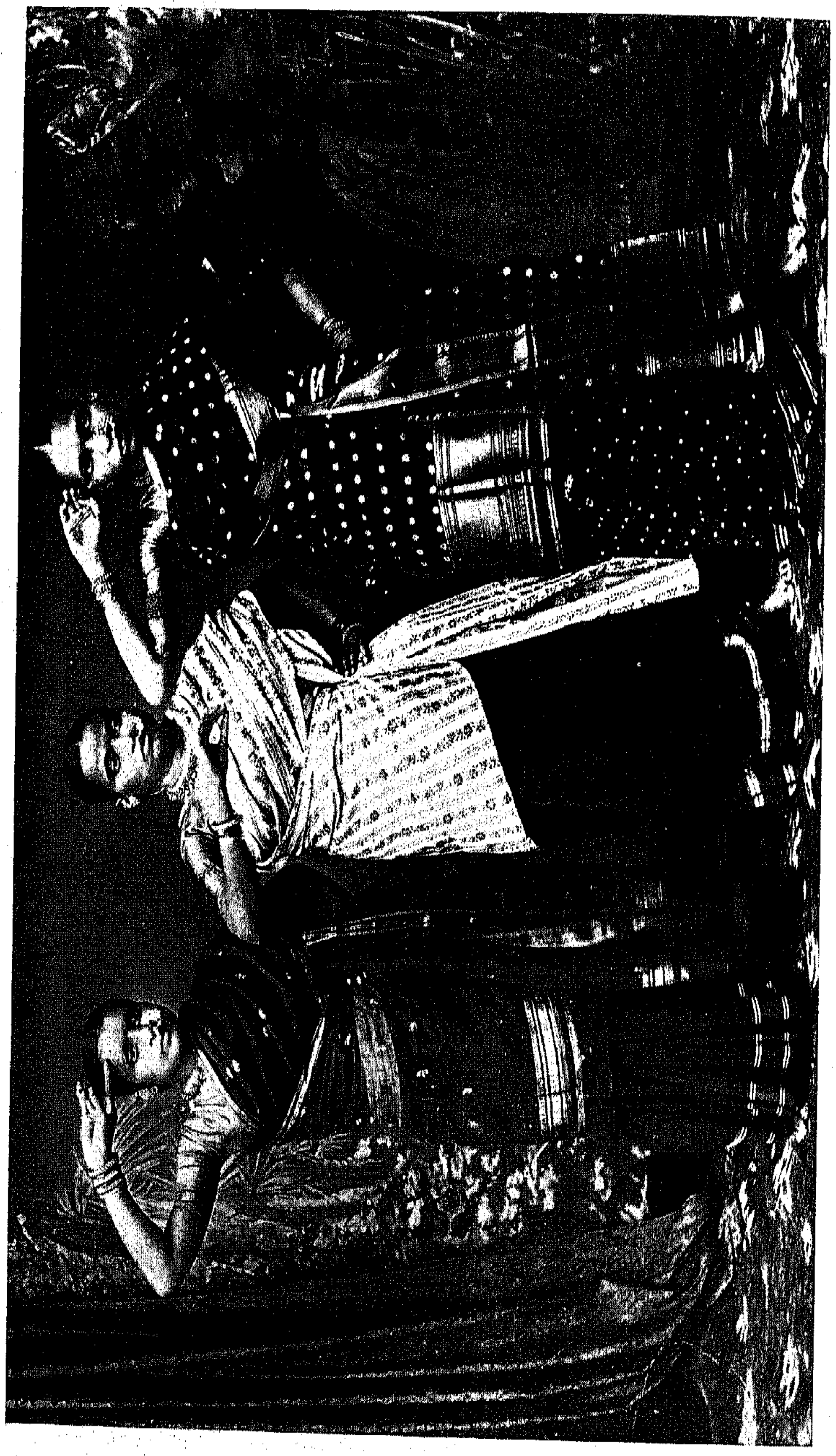
9



10



11



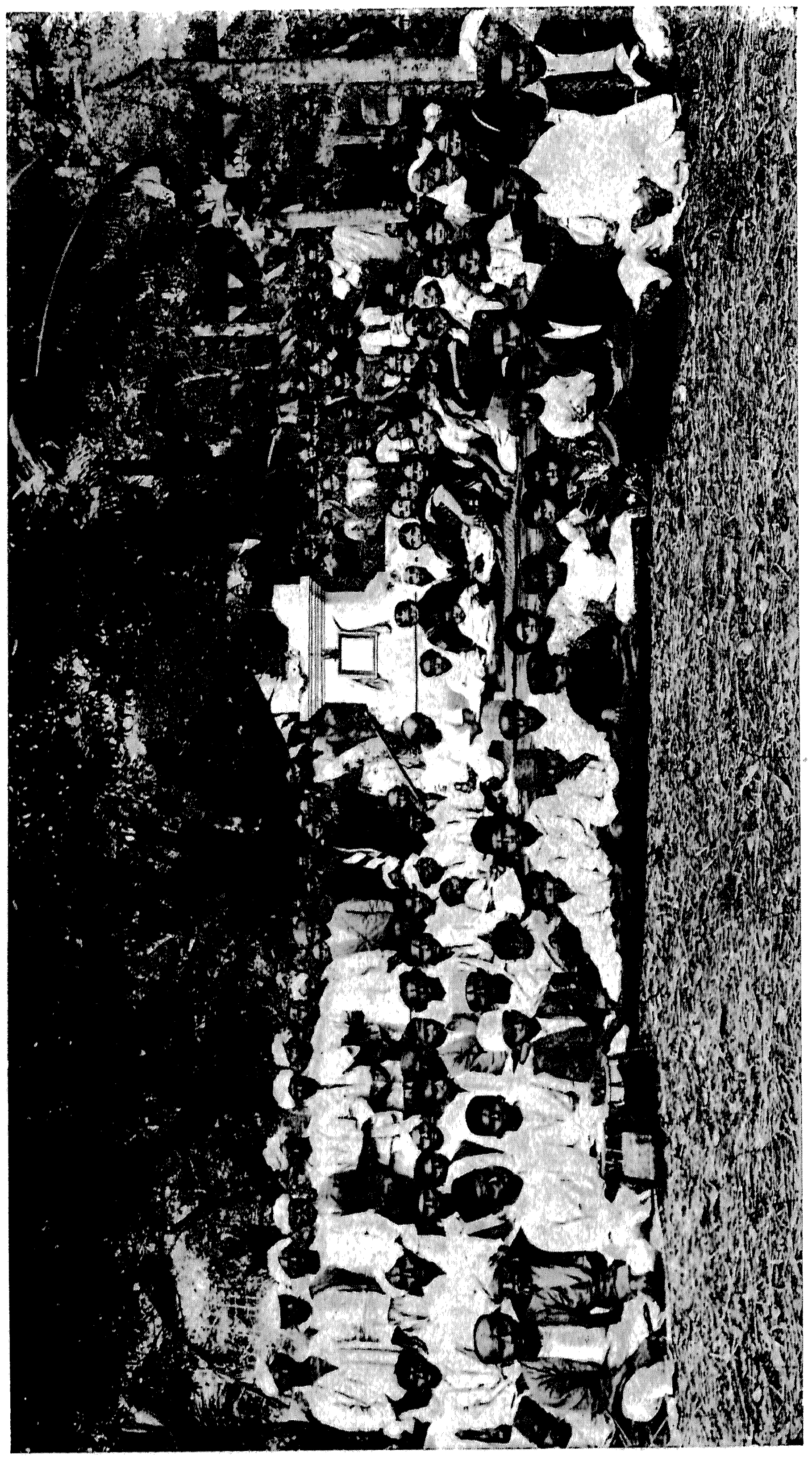
12

13

16

17

18



LOUÇAS DE USO COMUM
E ARTÍSTICAS / PÓ DE PEDRA
AZULEJOS PARA REVESTIMENTO

PANNEAUX DECORATIVOS

EMPRESA DE LOUÇAS E AZULEJOS, L.da
CIAL
AVEIRO

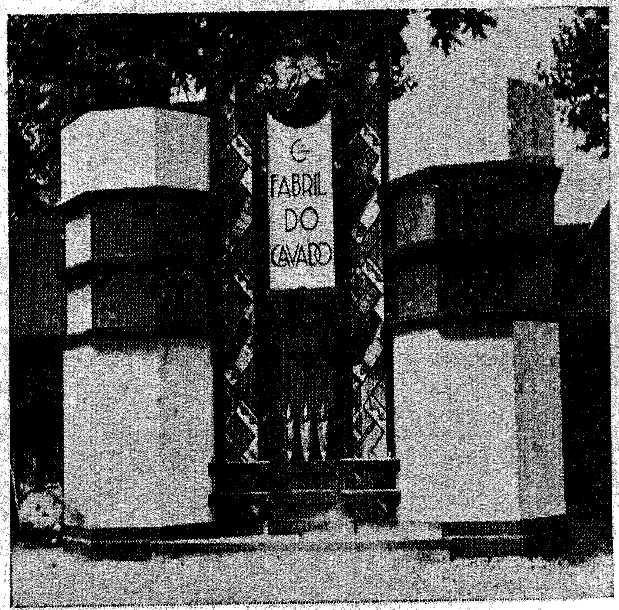
REPRODUÇÃO FIEL DO ANTIGO

O MELHOR FABRICO
DO CENTRO DO PAÍS
RUA DA FÁBRICA / TELEFONE 124

Companhia Fabril do Cávado

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

FÁBRICA DE FIAÇÃO E
TECELAGEM DE
ALGODÃO E SEDA



FÁBRICA DE
PAPEL DE TODAS AS
QUALIDADES

ESCRITÓRIOS / PORTO: Rua de Passos Manuel, 22 a 26 / TELEFONE 4356
LISBOA: Rua de S. Paulo / n.º 38

PASTA

COURAÇA

Tal como as pirâmides do velho Egipto, a Pasta COURAÇA passa o seu cincoentenário triunfante e desafiando o tempo...

DE

GARRAFAS

É o consumo anual das afamadas águas minerais de

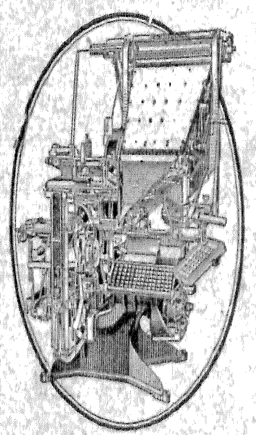
Vidago
Pedras Salgadas
Sabroso Melgaço

◆

À VENDA EM TODA A PARTE

SEDE NO PORTO
R. CANDIDO DOS REIS, 129
TELEFONE 1677

Fornecedores de tôda a qualidade de maquinaria e acessórios para a indústria gráfica



ARTIGOS GRÁFICOS

MANUEL REIS MORAIS & IRMÃO

PAPEIS ESTRANGEIROS

Representantes para Portugal da Intertype Corporation New York

FILIAL EM LISBOA
RUA DAS TAIPAS, 18
TELEFONE 21105

Papelaria / Tipografia / Encadernação
Litografia / Livraria
Gravura / Desenho

CASA PORTUGUESA

José Nunes dos Santos & C.ª (F.os), L.da

Máquinas Map
Material escolar
Depósito dos enxugadores «Tank»

TELEF. 21271 P. B. X. 5 LINHAS
TELEG. PAPELTYPO

RUA DO MUNDO, 139 — RUA DAS GÁVEAS, 103

LISBOA

AMERICA STAND

Unicos importadores directos no distrito de Viseu

VIEIRA DE MATOS, PAIVA & CORREIA, LDA.

TELEGRAMAS: «AMERICASTAND»
TELEFONE N.º 219

AV. ALBERTO SAMPAIO / VISEU

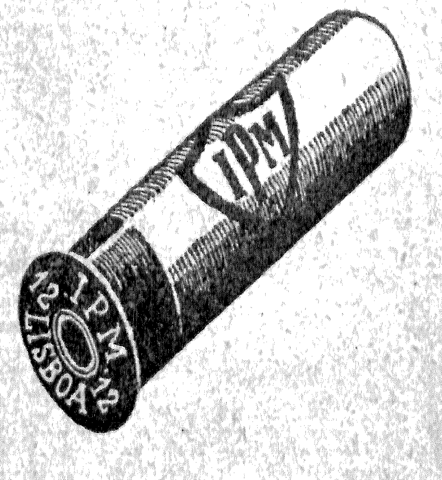
Pneus, Óleos, Gazolina e Acessórios

INDUSTRIAS

PORTUGUESAS DE MUNIÇÕES, LDA.

SACAVEM

FÁBRICA DE CARTUCHOS E FULMINANTES PARA CAÇA
INAUGURADA OFICIALMENTE EM MAIO DO ANO CORRENTE



CARTUCHOS
DE TODAS AS CLASSES

PARA TODOS OS CALIBRES / PARA TODAS AS PÓLVORAS

Á VENDA
em tôdas as casas da especialidade

REFINARIA COLONIAL

AVENIDA DA INDIA — LISBOA

FÁBRICAS NA ZAMBÉZIA — PROVINCIA DE MOÇAMBIQUE

AÇUCARES DE CANA
FABRICADOS E REFINADOS PELOS PROCESSOS MAIS MODERNOS

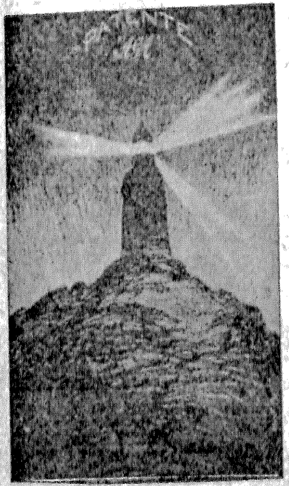
OS
AÇUCARES DA MARCA
HORNUNG
SÃO OS DE MAIOR REPUTAÇÃO

SOCIEDADE COMERCIAL
A. FREITAS & GAMEIRO, LDA.

E N G E N H A R I A

ARMAMENTO E MUNIÇÕES
MATERIAL AERONÁUTICO

Instrumentos científicos
Canhões
Metralhadoras
Morteiros
Espingardas
Pistolas
Carros blindados
Material de transporte



Faróis
Farolins
Bóias e Tôrres para sinalização
Terrestre
Marítima
e Aérea
Navios
Máquinas
e Motores

MÁSCARAS DE PROTECÇÃO
CONTRA FUMOS, GAZ E
OUTROS PRODUTOS TÓXICOS

SEDE SOCIAL - RUA DO ARSENAL, 148 - 2.º

TELEF. 26245 - LISBOA - TELEG. TORPEDO

GRAND HOTEL

BELMONTE / MADEIRA

O HOTEL DE LUXO DA MADEIRA

PROPRIETÁRIOS: C.ª DO CAM.º DE FERRO DO MONTE

CIRCUNDADO POR MAGNÍFICOS JARDINS E CONSTRUÍDO A 500 m ACIMA DO NÍVEL DO MAR. HOTEL MODERNO, E CHEIO DE CONFORTO. TELEFONE E ÁGUA CORRENTE, QUENTE E FRIA, EM TODOS OS QUARTOS. APARTMENTS COM QUARTO DE BANHO PARTICULAR, SALAS DE VESTIR E DE ESTAR E VARANDA.

CAMPO DE TENIS / AR PURO DA MONTANHA

PAISAGEM PERFEITA / TRANQUILIDADE

COMPANHIA DA ILHA DO PRINCIPE

S. A. R. L.

CAPITAL ESCUDOS 9.900.000$00

PROPRIEDADES EM ÁFRICA

roça água izé - ilha de s. thomé

roça infante d. henrique - ilha do principe

SÉDE RUA DO COMÉRCIO, 31, 1.º - LISBOA

Não procure mais!

SE DESEJA MANDAR EXECUTAR

UM LIVRO
UMA
REVISTA
UM JORNAL

CONSULTE SEM PERDA DE TEMPO A

TELEFONE **27956**

S. I. T.

LIMITADA

Sociedade Industrial de Tipografia, Lda. - Rua Almirante Pessanha, 3 e 5 (ao Carmo) - Lisboa

TODOS OS PORTUGUESES

DEVEM LER:

PRIMEIROS DISCURSOS
DO SR. DR. OLIVEIRA SALAZAR

DUAS ESCOLAS POLÍTICAS
nota oficiosa do Sr. Presidente do Conselho sôbre as entrevistas de Afonso Costa a um jornalista brasileiro

Ano VIII / Discursos de abertura e encerramento do I Congresso da União Nacional pelo Sr. Dr. Oliveira Salazar

CADA OPÚSCULO
UM ESCUDO

À venda nas livrarias e tabacarias em todo o país

O MUNDO PORTUGUÊS

Previne todos os Ex.mos assinantes de que poderá fornecer-lhes para encadernação semestral ou anual capas próprias reproduzindo em percalina ou em pele o desenho da capa da Revista. :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: ::
Os pedidos devem ser feitos imediatamente a-fim-de poderem ser satisfeitos ao terminar a publicação da série corrente.

PREÇOS: Em percalina com dourados e ferros . . . . **12$00**
Capa de luxo, em pele, com dourados e ferros **25$00**

PEDIDOS A ESTA REDACÇÃO